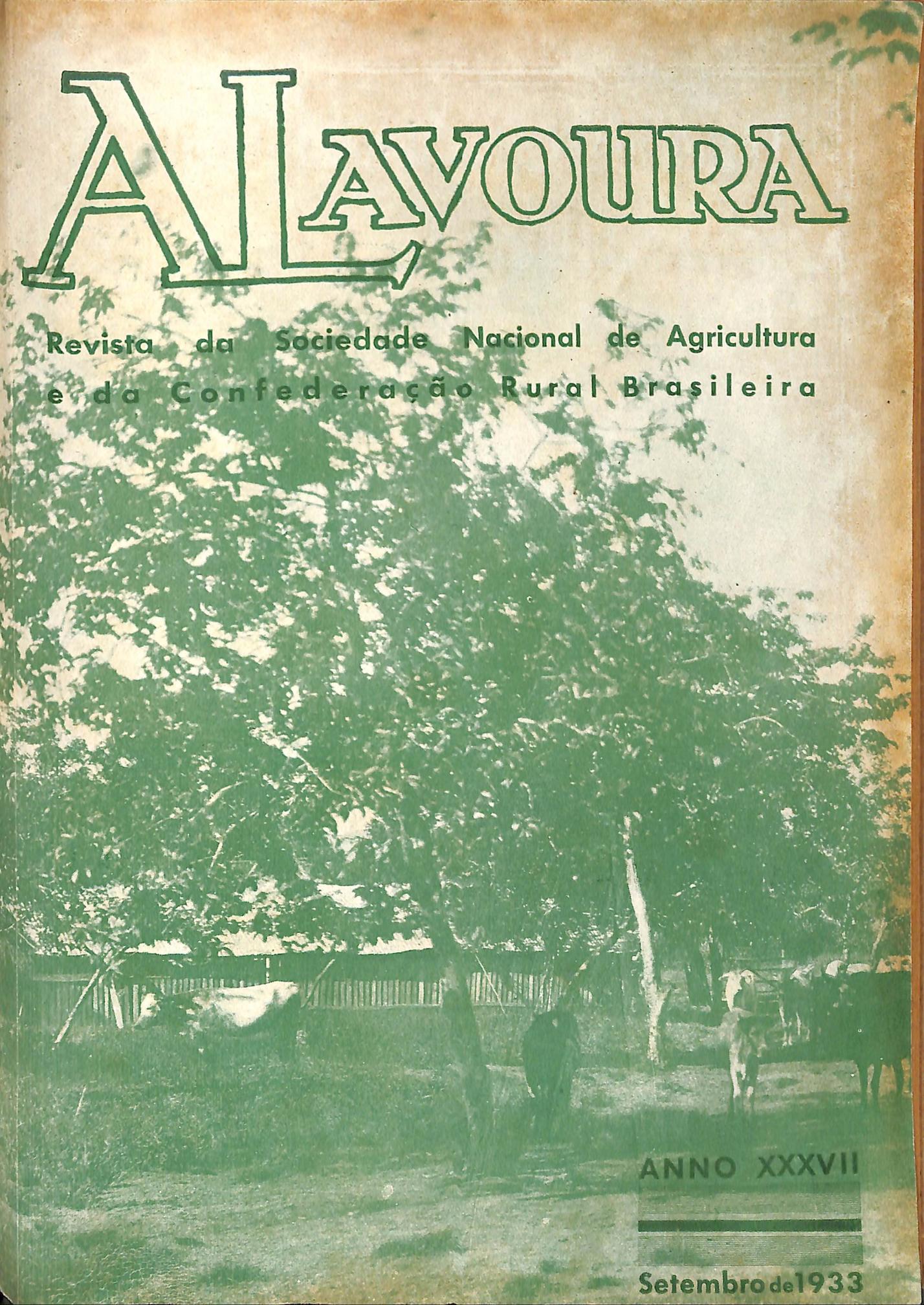


ALAVOURA

Revista da Sociedade Nacional de Agricultura
e da Confederação Rural Brasileira



ANNO XXXVII

Setembro de 1933

Sociedade Nacional de Agricultura

FUNDADA EM 16 DE JANEIRO DE 1897

Reconhecida de utilidade publica por lei

Presidente perpetuo

Dr. Miguel Calmon du Pin e Almeida

Presidente honorario

Dr. Geminiano Lyra Castro

DIRECTORIA GERAL

- Presidente — Ildefonso Simões Lopes
1.º Vice-Presidente -- Arthur Torres Filho
2.º Vice-Presidente — (Vago)
3.º Vice-Presidente — Cacildo Krebs Filho
1.º Secretario — Antonio de Arruda Camara
2.º Secretario — Ottoni Soares de Freitas
3.º Secretario — Luiz Simões Lopes
4.º Secretario — Alpheu Domingues
1.º Thesoureiro — (Vago)
2.º Thesoureiro — José Sampaio Fernandes

DIRECTORIA TECHNICA

- Alberto José de Sampaio
Alcides de Oliveira Franco
Altino Sodré
Augusto Ferreira Ramos
Carlos de Souza Duarte
Francisco de Assis Iglesias
Joaquim Luis Osorio
José Gomes de Faria
Moacyr Alves de Souza
Otto Pecego

CONSELHO SUPERIOR

- Affonso Vizeu
Aleixo de Vasconcellos
Alvaro Simões Lopes
Amancio Marsilac Motta
Americo Braga
Antonio Barreto
Antonio Cavalcanti de Albuquerque
Antonio F. Magarinos Torres
Arsene Pultemans
Arthur Cardoso Ayres de Hollanda
Benedicto Raymundo da Silva
Carlos Alberto Gonçalves
Edmundo Berchon des Essart
Eugenio dos Santos Rangel
Eusebio de Oliveira
Fidelis Reis
Francisco Leite Alves Costa
Gustavo da Silva D'Utra
Heitor Vinicio da Silva Grillo
Henrique Silva
J. C. Bello Lisboa
Jayme Bernandes Cotrim

- João Baptista de Castro
João Gonçalves Pereira Lima
Joaquim Bertino de M. Carvalho
Joaquim Francisco de Assis Brasil
José Maria Fernandes
José Monteiro Ribeiro Junqueira
Julio Cesar Lutterbach
Julio Eduardo da Silva Araujo
Luiz de Faria
Marcus Migliewich
Mario Saraiva
Mario Telles da Silva
Oswaldo Freire Braga de Sequeira
Paulo Berredo Carneiro
Paulo Campos Porto
Paulo Parreiras Horta
Raul Pires Xavier
Serafim Vallandro
Sylvio Ferreira Rangel
Sylvio Torres
Victor Leivas
Virginio Werneck Campello

SUMMARIO

SETEMBRO DE 1933

BIBLIOTHECA

da Sociedade Nacional
de Agricultura

A MELHOR NO
GENERO DA
AMERICA DO SUL

FRANQUEADA AO PUBLICO
DAS 11 ÁS 16 HORAS. AOS
SABBADOS ATÉ ÁS 14 HORAS

AS MELHORES OBRAS
AGRONOMICAS SOBRE

Economia
Lavoura
Criação
Veterinaria
Industrias
Rurales

AS MAIS IMPORTANTES
REVISTAS DO MUNDO

RUA 1.º DE MARÇO, 15
RIO DE JANEIRO
BRASIL

A POSIÇÃO DO BRASIL NO COMMERCIO MUNDIAL DE LARANJAS

ARTHUR TORRES FILHO - Presidente da S. N. de Agricultura

SERAFIM VALLANDRO

MONOCULTURA E SUPERPRODUÇÃO

Pelo Sr. CORNELIO LIMA

ALGODÃO BRASILEIRO NO JAPÃO

CONCESSÃO DE TERRAS DE S. PAULO PARA PLANTAÇÃO DO ALGODÃO

ARCHITECTURA PAISAGISTA

Pelo Prof. ARSENE PUTTEMANS

O CAFÉ DO BRASIL NA FRANÇA

AS VACCAS LEITEIRAS E SUA CAPACIDADE ALIMENTAR

Pelo CONDE DE SÃO MAMEDE

O MERCADO DA BORRACHA

A CRISE DA LARANJA HESPANHOLA

Pelo Sr. SANTOS MOGLIA

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CORES PRETA E BRANCA DA RAÇA HOLLANDA-BRASILEIRA

Pelo CONDE DE SÃO MAMEDE

ESTIMATIVA DO CUSTO DA PRODUÇÃO DO MILHO NO RIO GRANDE DO SUL

Pelo Eng. Agronomo LUIZ G. GOMES DE FREITAS

MOVIMENTO DA SECRETARIA DA S. N. DE AGRICULTURA

MOVIMENTO DA SECRETARIA DURANTE O MEZ DE SETEMBRO DE 1933

CORRESPONDENCIA RECEBIDA:

Cartas	54
Officios	17
Telegrammas	15
Pedidos	15
Diversos	18
	—
	119

CORRESPONDENCIA EXPEDIDA:

Cartas	75
Officios	32
Telegrammas	14
	—
	121

FORNECIMENTOS:

Arvores frutiferas (pés)	760
Arvores de ornamentação	50
	—
	810
Arroz para plantio (saccos)	10
Arame farpado "Agricultura" com 400 metros cada (rolos)	31
Cimento (kilos)	200
Milho Cattete (kilos)	6
	—
	247

SOCIOS NOVOS INSCRIPTOS:

João da Silva Brun, E. do Rio; Junqueira & Junqueira, E. do Rio; Dr. José Ribeiro de Miranda, E. do Rio; Braz Pedro Migueletti, Minas Geraes; Francisco Sá Tinoco, E. do Rio; Luiz Lourenço de Lima, Minas Geraes; Christovão de Oliveira Moraes Pinto, E. do Rio; Camilo Cerqueira Pinto, D. Federal; Herbert & Hayer, D. Federal; João Marques Gomes, D. Federal, e Eduardo da Silva Bastos, Estado do Rio.

HORTO FRUTICOLA DA PENHA

FORNECIMENTO DE PLANTAS:

Araticum	2\$000
Abieiros	2\$000
Abriçoteiros	4\$000
Ameixeira do Japão	3\$000
Ameixeira de Madagascar	5\$000
Anonas, desde	2\$000
Araçáseiros corôa	2\$000
Amendoeiras	2\$000
Bananeiras, desde	1\$000
Butiaseiros	10\$000
Cabelludeiras	2\$000
Cajáseiros manga	2\$000
Caimitos	2\$000
Crotons	1\$000
Cidreiras, desde	4\$500
Ficus benjamin	2\$000
Fruta de conde, desde	2\$000
Grape Fruit, desde	1\$500
Genipapeiros	1\$500
Grumixameiras	1\$500
Goiabeiras	4\$000
Kakiseiros	3\$000

LARANJEIRAS: Pera, Bahia, Selecta, Saude, Abacaxy, Sanguinea, Macahé, Selecta-branca, Campista, Monjolo, (Rosa, Cacáu, Melancia, Independen- cia, Japoneza, Bahia-Lima, Sta. Ca- tharina, Pera, Cravo, desde	1\$500
LIMEIRA, desde	1\$500
LIMOEIROS: azedo, doce, meudo, caia- no, veneza, desde	1\$500
Magnolias	3\$000
Mangueiras (pé franco)	2\$000
Oitiseiros	2\$000
Roseiras (pé franco)	1\$500
Sapotiseiros	3\$000
Tamarindeiros	2\$000

J. Mendes de Britto — Encarregado do Serviço de Estatistica.

Visto, R. Dias Ferreira — Chefe da Secretaria.

Arvores frutiferas? ornamentaes?

Desejais as mais vigorosas e perfeitas
a preços sem competidor?

Pedi informações a Caixa Postal 1245 - RIO



A L A V O U R A

REVISTA MENSAL DA SOCIEDADE NACIONAL DE AGRICULTURA
E DA CONFEDERAÇÃO RURAL BRASILEIRA

ANNO XXXVII

RIO DE JANEIRO

SETEMBRO DE 1933

A posição do Brasil no commercio mundial de Laranjas

Arthur Torres Filho

Presidente da S. N. de Agricultura

Cotejando-se o volume o o valor das exportações de laranjas brasileiras, nestes ultimos annos facil sobre o grande surto da citricultura entre nos.

será concluir expedição de laranjas para a Europa. Dahi para cá, tem sido a seguinte a marcha dessa exportação:

Foi a partir de 1927, com 969 toneladas, que teve inicio a nossa expedição de laranjas para a Europa. Dahi para cá, tem sido a seguinte a marcha dessa exportação:

Paizes	1928	1929	1930	1931	1932
Allemanha	47.128	54.547	11.787	36.156	13.646
Argentina	329.018	381.747	228.276	290.808	224.643
Belgica	—	100	929	10.870	8.392
França	270	6.917	254	4.254	66.002
Grã-Bretanha	139.853	454.892	531.994	1.721.259	1.456.008
Hollanda	43.333	38.741	26.553	53.661	160.932
Canadá	—	1.080	11.053	4.150	—
Diversos	1.142	5.397	1.461	3.194	715
Caixas	560.906	943.351	812.207	2.054.302	1.930.138

Tem-se feito, da seguinte fórmula, por partes de procedencia, essa exportação:

C A I X A S					
Procedencias	1928	1929	1930	1931	1932
Rio de Janeiro	436.437	677.536	611.853	1.286.456	1.279.166
Santos	119.997	261.706	195.409	767.394	649.759
Diversos	3.749	879	4.645	352	1.213

O valor da exportação está representado pelos seguintes algarismos:

Annos	Mil réis	Libras
1928	10.012.639	245.707
1929	15.307.253	376.279
1930	16.075.677	355.370
1931	47.552.722	658.322
1932	40.179.070	610.710

Pela inspecção do quadro da exportação brasileira de laranjas, torna-se facil chegar á conclusão de que o mercado inglez é aquelle que, não só por sua capacidade de absorpção como, sobretudo, por tratar-se de mercado distribuidor, deverá, no actual momento, merecer a nossa mais cuidadosa attenção. Por isso mesmo, vejamos os concurrentes que se nos deparam na Grã-Bretanha.

IMPORTAÇÕES DE LARANJAS NO REINO UNIDO DE 1927 A 1932, EM TONELADAS

Paizes de procedencia	1927	1928	1929	1930	1931	1932
Palestina	69.309	56.253	40.241	67.473	65.739	54.072
Rhodésia do Sul e Africa do Sul . . .	26.924	27.234	34.170	56.100	49.419	55.080
India Inglesa	3.111	1.479	51	51	51	51
Australia	102	204	51	(*)	306	51
Chypre	(*)	(*)	102	51	153	204
Outras colonias	306	153	918	102	51	102
Hespanha	269.841	293.250	318.393	367.506	301.971	268.056
Italia	4.692	2.295	2.550	2.244	2.652	1.836
Estados Unidos	21.981	5.406	49.929	1.938	43.146	14.943
Brasil	969	4.386	14.750	17.901	57.069	49.521
Argentina	612	408	2.448	51	1.275	102
Syria	153	153	51	204	357	51
Africa Occidental Portuguesa	459	357	510	561	1.735	1.122
Outros Paizes	4.539	4.233	10.200	6.375	6.018	2.142
Totaes das Colonias	99.552	85.323	75.633	123.777	115.719	139.077
Paizes estrangeiros	303.246	310.488	396.891	396.780	414.222	377.783
Total geral	402.798	395.811	472.464	520.557	527.941	476.850

(*) Menos de 50 toneladas.

Importante será conhecer, como se distribuem, por mezes, as importações, conforme quadro abaixo:

IMPORTAÇÕES DE LARANJAS NO REINO UNIDO, POR MEZES, DE 1927 A 1932, EM TONELADAS

Mezes	1927	1928	1929	1930	1931	1932
Janeiro	46.716	56.406	66.351	72.624	74.664	64.158
Fevereiro	56.304	64.566	46.359	64.158	48.858	62.249
Margo	62.832	52.581	62.832	74.715	67.473	69.002
Abril	41.514	56.610	41.106	64.362	50.133	43.911
Mai	29.325	39.117	30.294	51.357	40.851	34.629
Junho	21.828	22.134	30.057	35.802	31.773	19.227
Julho	15.504	9.333	17.697	24.684	33.711	21.012
Agosto	7.344	6.528	22.848	13.770	24.327	20.808
Setembro	8.772	6.630	21.930	15.045	19.278	23.250
Outubro	11.628	9.282	15.708	19.737	27.897	28.254
Novembro	5.653	21.471	27.387	15.912	28.203	14.025
Dezembro	75.378	51.153	88.995	68.544	82.773	72.313
Total	402.798	395.811	472.464	520.557	527.941	476.850

Como o Grã Bretanha é também um mercado redistribuidor, vejamos como se faz essa reexportação:

IMPORTADAS, 1927-1932, EM TONELADAS, REEXPORTAÇÃO DE ALGUMAS FRUTAS

Discriminações	1927	1928	1929	1930	1931	1932
Maças	18.921	18.646	13.158	17.850	15.810	17.493
Bananas (1)	381	515	656	615	494	300
Grapefruit	408	714	816	1.473	1.530	4.071
Uvas	1.536	1.785	2.040	1.479	1.530	1.071
Limões	1.536	1.734	3.162	2.193	2.448	1.989
Laranjas	13.005	13.872	15.708	31.365	21.726	16.932
Pecegos	102	51	153	255	255	306
Peras	1.020	1.581	1.887	4.539	4.080	4.080
Abacaxis	(2)	357	510	459	612	204
Ameixas	357	306	459	561	867	612
Outras frutas	612	510	510	408	510	255
Totaes (3)	44.013	46.512	48.552	69.819	57.018	48.654

(1) Em mil cachos.

(2) Incluídos em "Outras frutas".

(3) No peso total foram incluídos os cachos de bananas á razão de 34 libras.

A perspectiva que nos póde offerecer o mercadoinglez, pelo montante de suas importações de frutas frescas, está demonstrada no quadro, muito elucidativo, que se segue:

VALOR DAS IMPORTAÇÕES DE FRUTAS FRESCAS EM 1927-1932, (em mil libras)

Discriminações	1927	1927	1928	1929	1930	1932
Maçãs	7.272	7.839	7.062	7.552	7.879	7.936
Damascos	291	221	306	322	243	171
Bananas	5.750	5.612	5.648	5.664	5.539	4.408
Cerejas	276	172	316	132	149	40
Passas de Corinto	324	275	355	262	227	120
Gooseberries	47	28	12	20	12	8
Grapefruit	667	791	902	308	1.234	1.117
Uvas	1.937	2.018	2.018	1.842	1.886	1.563
Limões	1.186	1.251	1.423	1.414	1.256	1.357
Limas e Citrus	1	1	5	2	(**)	1
Laranjas	8.593	7.898	9.806	9.548	9.548	7.677
Pecegos	169	125	177	199	258	320
Peras	1.460	1.428	1.666	1.723	1.759	1.521
Abacaxis	(*)	90	138	131	134	127
Ameixas	1.079	906	1.043	190	921	651
Morangos	209	201	253	191	219	91
Outras frutas	469	469	462	402	412	407
Totaes	29.730	29.324	31.590	31.097	31.676	27.515

(*) Incluídos em "Outras frutas".

(**) Menor de 500 libras.

Pela publicação official do Governo inglez "Fruit Supplies, in 1932", cujas palavras a seguir transcrevemos, pôde-se ter uma impressão do conceito que, na Grã-Bretanha, se faz da nossa exportação de frutas citricas: "The striking rise in imports from Brasil in 1931 was not maintained in 1932, but imports in that year nevertheless little short of 1.000.000 cwts. The phenomenal growth of the orange trade between Brasil and the United Kingdom, which is perhaps the most remarkable happening in the post-war orange trade, is the history of only a comparatibly few years, imports in 1926 being less than 500 owts. Shipments to this country during the 1932 seasen totalled about 1.500.000 boxes and fell short-of the record 1931 shipments by some 200.000 boxes".

Pelo estudo do valor da importação de frutas frescas na Grã-Bretanha, cujo montante, em 1932, se elevou a cerca de 27 milhões de libras, quando, no anno anterior, fôra de 31.676 mil libras, chega-se á conclusão de que varias causas, dentre ellas a quebra do padrão ouro, em 1931, affectaram as exportações dos paizes que negociam com o mercado britannico: Não nos deveremos esquecer dos impostos criados na Grã-Bretanha, incidindo sobre as frutas de procedencia estrangeira. Se esses impostos não prejudicaram as mercadorias dos Dominios, outro tanto não se poderá dizer da depreciação das moedas de alguns desses Dominios em relação á libra esterlina. Em 10 de Março de 1932, foi criado o imposto de 10% ad-valorem sobre todos os productos importados. A principio, a titulo de emergencia, o referido imposto acabou sendo substituido por impostos permanentes. E, em 17 de Novembro

de 1932, taxas addicionaes surgiram em consequencia dos accôrdos de Ottawa. A laranja de procedencia estrangeira passou a pagar 3 shillings e 6 d. por quintal inglez de 51 kilos, a vigorar a 1 de Abril a 30 de Novembro, o que representa, em relação aos 10% ad valorem, um augmento medio pouco maior de um shilling por caixa.

Julgamos de interesse conhecer as épocas de remessa de laranjas para a Grã-Bretanha, por paizes de procedencia. Assim temos:

Palestina, de Dezembro a Abril.

Hespanha e Italia, de Maio a Outubro. . .

Africa do Sul e Rhodésia, de Junho a Outubro. . .

Brasil, de Maio a Outubro e até Novembro.

Se procurarmos examinar os paizes abastecedores de laranjas á Grã-Bretanha verificaremos que, a todos elles, sobreleva a Hespanha, que é nação "leader", sem contestação possivel, da exportação mundial. As ultimas safras da Hespanha foram as seguintes: 792.757 toneladas no valor de 237.827.130 pesetas ouro em 1929; 1.084.539 toneladas no valor de 325.700 pesetas ouro em 1930; 858.246 toneladas no valor de 179.625.600 pesetas ouro em 1931.

E' evidente que a Hespanha não só pelo baixo custo da sua produção, como pela proximidade em que se encontra do mercado inglez, difficilmente poderá perder a primasia de que goza actualmente nesse mercado como em outros da Europa. Vêm em seguida a Palestina e a Italia, como grandes fornecedores nos mezes de inverno e primavera. No verão e no outomno, a importação global diminue sensivelmente, surgindo então, como fornecedores, o Brasil, Estados Unidos e Africa do Sul no periodo

de Junho a Novembro. Em 1929, na publicação official ingleza, intitulada "Oranges World Production and Trade", lê-se o seguinte: "Brasil is already a very large producer of oranges, and appears destined to become one of the leading sources to supply of oranges to Europe during the summer and autumn months".

Em 1931 e 1933, o Brasil pode confirmar a previsão de que se tornaria o maior fornecedor ao mercado inglez de laranjas de verão, superando com suas remessas as exportações da Africa do Sul e dos Estados Unidos. E, pelo desenvolvimento alcançado pelas plantações, principalmente nos Estados de S. Paulo, Districto Federal e Estado do Rio de Janeiro, o nosso paiz ficará apto a elevar sua exportação, dentro de mais 2 annos, ao dobro do que é presentemente, isto é, a 4 milhões de caixas. Esse facto está a exigir, por isso mesmo, estudo aprofundado dos mercados europeus, sob pena de vermos sossobrar todo o bello esforço até aqui realizado.

Os Estados Unidos fizeram seu apparecimento,

como fornecedores de laranjas ao mercado inglez, em 1925, e esses supprimentos têm estado sujeitos a grandes oscillações, não parecendo tratar-se de concorrente temeroso, pelo alto custo de sua produção, já outro tanto se não poderia dizer da Africa do Sul, cujas remessas, para o mercado inglez, coincidindo com a exportação brasileira, vão em crescimento constante. Alarmados com o augmento vertiginoso de nossa exportação, os sul-africanos pleitearam na Conferencia de Ottawa, a tarifa preferencial, vigorando este anno no periodo de 1 de Abril a 30 de Novembro, justamente no momento em que as nossas laranjas chegam á Grã-Bretanha. Se é certo que a exportação brasileira já ultrapassa a da Africa do Sul, não é menos verdadeiro o facto de que as remessas oriundas daquelle Dominio vão em augmento, como se conclue dos dados estatísticos no quadro que se segue, da importação de laranjas na Grã-Bretanha, por mezes, em 1932, verificamos quaes os maiores fornecedores dos mercados inglezes:

EM TONELADAS

MEZES	Palestina	Africa e Rhodesia do Sul	Hespanha e Italia	Estados Unidos	Brasil	Africa Occidental Portuguesa	Outros paizes	Total
Janeiro	13.923	—	49.929	—	—	—	306	64.158
Fevereiro . . .	17.595	—	48.552	—	—	—	102	96.249
Março	21.012	—	47.736	51	—	—	204	69.003
Abril	11.985	—	31.569	—	255	—	102	43.911
Mai	51	153	26.720	1.224	6.477	—	204	34.629
Junho	—	4.284	4.285	1.581	8.415	—	102	19.227
Julho	—	9.588	1.626	4.539	5.355	—	204	21.012
Agosto	—	9.843	102	2.907	7.343	408	306	20.808
Setembro . . .	—	10.659	—	2.652	9.333	357	255	23.256
Outubro	—	16.473	357	1.632	9.333	306	153	28.254
Novembro . . .	1.071	3.774	5.457	357	2.611	51	204	14.025
Dezembro . . .	17.952	306	53.499	—	—	—	561	72.318
Totales	83.589	55.080	269.892	14.943	49.521	1.122	2.703	476.850

Não será para estranhar que, pela pressão dos interesses de suas colonias, a Grã-Bretanha seja compellida a applicar ás frutas o regime de quotas, como foi feito em relação ás carnes, tanto mais se nos organizarmos internamente e procurarmos resistir á taxaço criada pela Conferencia de Ottawa.

Cada dia que se passa, assistimos a novas modalidades de proteccionismo inglez, não se podendo prever as surpresas que nos estarão reservadas no futuro. Sabe-se que a "União dos Productores Imperiaes", baseada nos accórdos de Ottawa, projecta

para breve prazo a reunião de todos os exportadores de frutas, com o objectivo de expellir dos mercados inglezes as frutas de outras nacionalidades, em concorrência com a produção das colonias inglezas.

Não deverá passar despercebido o facto, muito importante, de haver a Australia este anno, pela primeira vez, feito remessa a Grã-Bretanha de uma partida de 40 mil caixas de laranjas, constando achar-se em viagem outro embarque no total de . . . 65.000 caixas.

Isso annuncia o apparecimento, no Imperio Britannico de novo concorrente, e que merece registro especial.

As considerações que vimos fazendo, sobre o mercado inglez, se justificam pela circumstancia de considerarmos insubstituivel esse mercado no presente momento para as nossas laranjas, diante de sua crescente capacidade de consumo.

Somos de parecer que, o novo imposto que veio gravar a laranja brasileira, criou situação de forte desigualdade para nós, o que não deixará de vir prejudicar bastante a expansão da fruticultura. E é o que está acontecendo no corrente anno, em que a caixa de laranja, cotada a 9 shillings, mal cobrirá as despesas até sua collocação nos mercados ingleses. Teremos que pôr em execução medidas que visem baixar o custo de produção, como abolirmos exigencias de fiscalização bancaria e outras que acarretem prejuizos aos productores e exportadores. E' esse um estudo complexo da alçada de nossas autoridades. Bastará focalizar, por sua extravagancia, o que acontece com os embarques no porto do Rio de Janeiro, em confronto com o que se dá em Santos.

Enquanto a despesa com a estiva, em Santos, para uma caixa de laranjas, attinge 26 réis, no Rio, essa mesma despesa se eleva a 1\$070. Esse facto, já mereceu, até mesmo, reclamação de origem diplomatica, e permanece até hoje sem solução.

O vulto que a exportação de frutas representa para a economia nacional, ainda susceptível de forte desenvolvimento, justifica plenamente toda a attenção que a ella for dispensada pelo poderes publicos. Nós nos achamos numa phase muito melindrosa de commercio mundial, em que os exportadores precisarão estar habilitados a vencer intelligente bloqueio mantido pelos concorrentes estrangeiros. O problema da fruticultura no Brasil é bem mais complexo do que parece á primeira vista, bastando attentar-se nos seguintes aspectos: a escolha das variedades mais convenientes aos mercados externos com a consequente fixação dos caracteres dessas variedades em estações experimentaes; a produção de frutas em bom estado sanitario; a seleção das melhores frutas com o consequente cuidado na colheita e embalagem; o abaixamento do custo de produção; o aperfeiçoamento dos systemas de transporte, desde os centro de produção até aos portos e aos mercados consumidores; a organização de cooperativas de produção, de venda e de credito.

Vê-se bem que só o desenvolvimento de um programma intelligentemente organizado e executado com firmeza poderá proporcionar resultados palpaveis em uma acção continuada durante longos annos, de que nos servem d e exemplo as regiões "leaders" da fruticultura mundial.

No nosso caso, merece ainda referencia especial o desamparo em que se encontra a exportação fruticola de uma organização commercial que centralize as vendas, evitando as oscillações de preços nos mercados estrangeiros, principalmente na Grã-Bretanha. As laranjas brasileiras ali entram com grande numero de marcas, em concorrencia umas com as outras, e são vendidas tumultuariamente. Nesse sentido, são dignas de imitação, as organizações norte-americanas centraes de venda ou exchanges. Mediante um plano racional de distribuição evitam-se as oscillações sensiveis de preço muito tendo lucrado, não só a padronização, como a refrigeração, o transporte e a venda das laranjas com a criação desses organismos nos Estados Unidos.

A União Sul Africana seguiu identica orientação e, recentemente, o nosso illustre Addido Commercial em Londres, Dr. Barbosa Carneiro, fez a seguinte interessante comunicação a respeito da Palestina:

"Existe uma organização denominada "Jaffa Citrus Exchange" cujos membros têm o controle de 60% da produção de laranjas e de grape-fruits do paiz. Essa organização tem conseguido que as companhias façam melhores condições para o transporte de laranjas para o Reino Unido e para o Continente e está empenhada numa propaganda de productos de Jaffa na Grã-Bretanha como no Canadá. Além disso, está negociante com os governos de varios paizes a redução dos direitos aduaneiros sobre laranjas e grape-fruits".

Conheçe-se o esforço dos productores e exportadores sul-africanos pela collocação e reputação das suas frutas nos mercados exteriores. Isso tem sido alcançado, graças ás cooperativas e á manutenção de representantes nos principaes mercados da Europa, de modo a serem orientados os exportadores.

As laranjas brasileiras são consignadas aos commissarios na Grã-Bretanha e ahi são vendidas sem a desejada fiscalização da nossa parte. As vendas e consignações se fossem centralizadas, os commerciantes ingleses não criariam a concorrencia de que resulta quasi sempre grande prejuizo para nós. "Na ausencia de uma apparelhagem de venda, — disse o Consul J. C. Muniz — as laranjas brasileiras ficam inteiramente desprotegidas, sendo vendidas em leilão á mercê dos especuladores. A sua collocação nos mercados dá-se muitas vezes em tempo inoportuno, quando já existe superabundancia". Não póde haver duvida alguma que, se quizermos ver nossa produção citricola bem defendida nos mercados estrangeiros, precisamos nos organizar em cooperativas, a exemplo das duas poderosas organizações norte-americanas, "The California Fruit Growers Association" e "American Fruit Growers Association", pois será esse o meio de termos me-

lhores preços e logramos dispôr de productos bem preparados para a lucta da concurrencia. Agindo isoladamente e sem representantes idoneos nos mercados consumidores, poderemos assistir, de um momento para outro, á ruina completa do nosso auspicioso commercio de frutas. Acontece ainda que são os commissarios inglezes os financiadores dos nossos exportadores, tanto assim que, no dia do embarque da fruta em nossos portos, grande parte do valor da consignação já se encontra em mãos dos revendedores.

Em communicacão enviada ao Ministerio do Exterior, o Embaixador Regis de Oliveira, teve occasião de se occupar desse assumpto nos seguintes termos: "Já me tenho referido aos preços por que são vendidas aqui as nossas frutas e ao lucro minimo e insignificante que recebem os exportadores e, por vezes, o prejuizo de que soffrem, pois consta ganharem apenas 6 pences por cada caixa de laranjas aqui vendidas. Entretanto, cada laranja nossa é vendida a 2 d. 1/2, o mesmo preço da laranja da Africa do Sul. Existe, portanto, uma differença muito grande entre o preço pago pelo consumidor e o lucro do exportador. O inconveniente parece-me consistir no systema de venda das nossas laranjas em leilão sem sufficiente discriminação de suas qualidades e com prejuizos das melhores frutas. Creio, portanto, que deveriamos fazer aqui a venda, sem passar pela has-ta publica, por intermedio de um agente geral of-

ficial nosso que receberia as partidas e as venderia directamente aos negociantes varejistas. A Africa do Sul, cujas frutas não vão a leilão tem aqui sua propria organização e consegue preços favoraveis, evita depreciação do preço e regulariza a distribuição de suas frutas entre as casas importadoras".

Estudando as razões da baixa imprevista da cotação de nossas laranjas no corrente anno, cujas remessas até 10 de Agosto haviam alcançado 1.055.000 caixas contra 652.000 no anno passado, assim se manifestou, em communicacão enviada ao Ministerio do Exterior, o Addido Commercial Dr. Barbosa Carneiro: "Cumpra aos commerciantes se aggremiarem de maneira a constituirem uma força capaz de regulamentar os embarques, de negociar os transportes em melhores condições, de distribuir racionalmente as frutas nos mercados consumidores e capaz, tambem de entrar em entendimentos efficientes com as associações de exportadores de outros paizes, tendo em vista defender os interesses communs. Um entendimento, por exemplo, dos exportadores brasileiros como os sul-africanos e quiçá com os norte-americanos, a respeito das datas de embarques, embora difficil, não parece impossivel".

Para um melhor julgamento dos mercados da Grã-Bretanha para frutas frescas, em geral e, particularmente, de laranjas, damos abaixo, segundo dados officiaes, o valor médio das importações naquelle paiz:

Discriminações	1927	1927	1928	1929	1930	1932
Maçãs	23. 7	25. 9	24. 6	24. 6	20. 9	19. 7
Damasco	44.11	60. 6	55.10	58. 0	54. 9	30. 9
Bananas (1)	9. 1	8. 8	7. 7	7. 6	6.11	5. 2
Cerejas	44. 2	43. 2	43.11	44. 4	50. 9	65. 6
Passas de Corinto	50. 7	50. 5	50. 3	42. 9	44. 0	51. 5
Gooseberries	16. 6	17.10	16. 1	13. 9	14. 0	15. 4
Grapefruits	35. 3	33. 6	33. 3	32. 6	27. 6	28. 9
Uvas	53.11	48. 1	46. 9	53. 0	40. 6	34. 6
Limões	19. 1	22. 1	20.11	19. 2	17.11	18. 9
Laranjas	21. 9	20. 4	21. 2	18. 8	18. 4	16. 5
Pecegos	89.11	81. 0	96.11	17. 5	54.10	64. 0
Peras	27. 1	33. 2	30.11	33. 6	28. 5	27. 4
Abacaxis	(2)	39. 9	49. 6	45. 9	40. 3	37. 5
Ameixas	36. 2	37. 9	41. 4	40. 7	35.11	38. 0
Morangos	58. 6	51. 1	63. 1	56. 6	49. 6	44. 9
Outras frutas	26. 4	22.10	24. 6	21. 1	19. 9	21. 0
Média geral	25. 0	26. 2	25. 4	24. 0	22. 0	19. 8

(1) Valor médio por cacho.

(2) Incluídos na rubrica "Bananas" estimados em 34 libras de fruta por cacho.

A maior lactação...

A celebre vaca holandeza de Lord Reylingh's, de nome "Terling Toorth 46", finalizou a sua lactação em 491 dias com o total de 18,180 litros, ou seja a media de 36 litros por dia.

O seu "record" de um anno (365 dias) n'essa lactação foi de 42 litros por dia.

E, finalmente, para apreciação dos interesses commerciaes entre o Brasil e a Grã-Bretanha, vejamos como se expressa esse intercambio:

Annos	Importação	Exportação	Exp. + ou—
1927	16.899.329	3.019.036	— 13.880.343
1928	19.518.764	3.354.236	— 16.164.528
1929	16.044.035	6.176.614	— 10.467.421
1930	10.405.054	5.457.205	— 4.947.849
1931	5.018.389	3.560.891	— 1.457.498
1932	4.175.288	2.571.703	— 1.603.575

Se é certo possuir o Brasil tratado commercial com a Grã-Bretanha, no qual vem consignada a clausula de “nação mais favorecida”; e, se tambem é verdade ter sido sempre favoravel á Grã-Bretanha a balança commercial entre os dois paizes, sem levar ainda em consideração a balança de pagamentos; a verdade que resulta do exame dos Accôrdo de Ottawa vae fechando progressivamente os seus mercados, tirando ao Brasil meios de solver os seus compromissos. E o que é mais estranhavel reside no facto da clausula de “nação mais favorecida” substituir para “qualquer colonia ou protectorado britannico ou de qualquer territorio onde Sua Magestade Britannica exerça um mandato”, não ficando, entretanto, a Grã-Bretanha impedida de conceder tarifas preferenciaes a suas colonias nos mercados da Metropole.

Outros mercados — Não pôde haver contestação alguma de que os melhores mercados para a laranja se encontram na Europa. Depois da Grã-Bretanha seguem-se a Allemanha e a França como maiores importadores, vindo as demais em menores proporções, como Suecia e Noruega, Hollanda, Belgica, Polonia, etc. As importações allemãs registram algarismos elevados, tendo passado de 200 mil toneladas em 1927 e 233 mil em 1932 e alcançado 345 mil em 1930. Trata-se, por conseguinte, de importante mercado, digno de nossa cuidadosa observação. Cabe á Hespanha fornecer a maior parte da laranja consumida naquelle paiz, vindo em seguida, como maior fornecedor, a Palestina, cujas remessas vão em continuo augmento, bastando dizer que esse suprimento, tendo sido de 141.500 caixas, em 1927, elevou-se a 655.000, em 1932.

Digno de referencias é o que ocorre com a exportação da Palestina, que encontra bom mercado consumidor na Allemanha, pois a produção desse paiz, em marcha ascendente, passou de 1.996.000 caixas, em 1927, para 3.687.000, em 1932. Quere-mos crer que a laranja brasileira, vencidas algumas resistencias, poderia constituir objecto de caracter commercial na Allemanha digno de nossa atenção, não tendo, até agora, passado de meros ensaios as nossas remessas para aquelle paiz.

A França embora reunindo condições altamente favoraveis á produção agricola, é ainda grande mercado consumidor de frutas exoticas, em constante augmento. As frutas citricas importadas num total de 131 mil toneladas, em 1927, tiveram a importação elevada para 261 mil toneladas, em 1932, e isso como é sabido, em plena depressão economica mundial.

O inicio, pôde-se assim dizer, da exportação brasileira para o mercado francez, teve logar em 1932, quando para ali foram remetidas 66 mil caixas de nossas laranjas. Isso ocorreu devido a corajosas iniciativas de exportadores, impellidos pela necessidade de serem abertos novos mercados ás nossas safras crescentes. Merece justa referencia a attitude do Addido Commercial junto á nossa Embaixada em Paris, mantendo-se em constantes observações, e abrindo inqueritos entre os importadores para conhecer da acceitação de nossas laranjas em França e indicando os obices a serem removidos. Será, por exemplo, de interesse, conhecer-se alguns desses inqueritos, destacando-se, dentre elles, o da firma Ferreira & Sobrinho, do seguinte teor:

“O anno de 1932 mraça o inicio da importação directa de laranjas brasileiras em França. Foi a partir do mez de Agosto que começou a venda no mercado francez. A laranja brasileira, quando comparada ás laranjas de outras procedencias, se mostra pallida, pois os consumidores francezes estão habituados com as frutas de coloração vermelha.

O mercado de Paris, que centralizou a quasi totalidade das remessas, acolheu bem as frutas de boa qualidade, especialmente as laranjas do typo “Bahia” e “Pera”, que corresponde ao paladar da clientela franceza. Nos ultimos annos, a França não dispunha para o seu consumo estival, se não de algumas laranjas tardias vindas da Hespanha; mas, taes frutas, passado o mez de Junho, attingiram preços prohibitivos, e o consumidor francez preferia passar sem ellas.

(Durante o verão, nos cafés, era encontrada a laranjada, agora porém estava se generalizando o habito da laranja fresca, espremida, que é francamente exigida pelo consumidor, ficando desse modo

aberto o mercado para a laranja estival, o que representa uma grande vantagem para os productores brasileiros. Julgamos ainda de muita importancia a seguinte observação daquella firma: "E' de temer, para o anno em curso (1933), diante da operosa experiencia do anno passado, o commerciante francez possa hesitar em recommençar-a, sem estar certo de que as laranjas brasileiras offereçam plena garantia. Os transportes maritimos, defeituosos como ainda são, e as molestias das laranjas da região do Rio, muito especialmente o *stem-rot*, causadora de um prejuizo de 25 a 50 %^o, fazendo com que o retalhista perdesse muito dinheiro, leva-nos a receiar na renovação das encomendas, sem garantia prévia de caracter official".

Do relatório da firma Ferreira & Soriano, transmittido tambem pelo solicito Addido Commercial em Paris, Dr. Francisco Guimarães, dentre outras observações de interesse, destacamos a seguinte: "A pesar dos direitos aduaneiros elevadissimos cobrados pelo peso bruto das caixas, as laranjas do Brasil conseguem competir, sob o ponto de vista do custo, com as frutas de outras procedencias. Se os Estados Unidos gozam de uma tarifa minima, as despesas de transporte são muito elevadas. Seria opportuno conseguir-se, por via diplomatica, a redução da tarifa geral, em tarifa minima, das alfandegas francezas, bem como redução dos fretes".

Do inquerito da firma Léon Girard, bastante minucioso, consta a declaração de serem os exportadores brasileiros ainda insufficientemente conhecidos dos importadores francezes "que hesitam em lhes abrirem credito". "Por parte da França, quem o declara é aquella firma, subsiste sempre a incerteza da restricção das importações (contingentemet), além de serem muito elevados os direitos aduaneiros e a questão do transporte não se achar ainda definitivamente resolvida".

Terá o Brasil de contar com a concurrencia dos Estados Unidos, pois a baixa do dollar tende a criar verdadeiro *dumping* no mercado francez, sendo ainda os Estados Unidos beneficiados por tarifa minima e, em relação á Africa do Sul, a qualidade da sua laranja, não é tão apreciada como a brasileira. Não possui até hoje o Brasil, infelizmente, tratado de commercio com a França, mas sim o *statu quo* de um *modus vivendi* extinto em que a tarifa minima só era applicada ao café, incidindo sobre a laranja brasileira, além de taxas addicionaes, o imposto alfandegario de 70 francos por 100 kilos brutos. Se a balança commercial entre os dois paizes se mostra favoravel ao Brasil, por consumir a França cerca de 2 milhões de saccas de café provenientes do nosso paiz, não deverá ser esquecido o facto do fisco francez arrecadar somma elevadissima do café brasileiro, bastando dizer que, só de direito de entrada e de licença de importação, são cobrados 356 francos por sacca. Dever-se-á ter ainda em considera-

ção os interesses do capital francez no Brasil.

Os paizes escandinavos (Suecia e Noruega) offerecem a particularidade de um augmento constante no consumo de frutas frescas, facto esse observavel tambem em relação ás frutas citricas. A Hespanha é o grande fornecedor desses paizes, parecendo que o Brasil poderia, removidas certas difficuldades, tornar-se concorrente no periodo estival. Outro tanto poderá acontecer em relação a Hollanda, á Belgica, á Suecia, etc. Ainda recentemente communicava o consul do Brasil em Genebra a grande acceitação que as "laranjas do Brasil" estava tendo na Suissa, embora em luta com os baixos preços das laranjas da Hespanha e da Italia.

A conclusão a se retirada é a de que os mercados da Europa para a exportação defrutascitricas do Brasil estará dependendo de estudo cuidadoso desses mercados, a par de medidas que venham firmar a organização interna de nossa fruticultura.

Na America, os mercados que nos podem interessar, sem nos querermos referir aos Estados Unidos, são a Argentina e o Canadá. Na primeira, terão as laranjas brasileiras que contar com a concurrencia das frutas do paiz (ameixas, peras, peçegos, etc.) que abarrotam os mercados a baixo preço, além da concurrencia das culturas de Corrientes e da produção do Paraguay. A fruta em Buenos Aires, como tivemos occasião de observar, constitue artigo popular, accessivel a todas as bolsas. Haveria conveniencia em ser evitada a remessa de laranjas do typo 126 para cima cuidando-se com esmero da remessa de bom producto, isento de doenças e pragas. Não poderemos contar com o mercado argentino para uma collocação maior de 250 mil caixas annuaes, resentindo-se ainda as nossas vendas ali da falta de organização commercial, toda ella baseada ainda no regime de consignação, razão essa determinante da oscillação dos preços, que alcançam, ás vezes, limites irrisorios.

O mercado canadense, que é dominado pelos Estados Unidos, no periodo de Abril a Setembro, poderia tornar-se bom mercado para as laranjas brasileiras, se dispuzessemos de navegação regular para aquelle paiz.

Conclusões — 1.^a Como a intensissima propaganda feita na imprensa em favor da cultura da laranjeira, de ha cinco annos a esta parte, as áreas de plantio se alargaram fortemente no paiz.

2.^a — A produção de frutas é hoje objecto de perseverantes esforços em muitos paizes, e, especialmente, nas colonias inglezas. Isto significa o aprestamento dos nossos rivaes e o apparecimento de outros concorrentes na disputa dos mercados europeus. O nacionalismo economico, por outro lado, não requa na adopção das mais fortes medidas restrictivas, e o Brasil terá assim difficuldades crescentes na collocação de suas frutas.

3.^a — A exemplo do que fizeram os Estados

Unidos, exportando apenas cerca de 9% de sua produção elevadíssima, precisaremos cuidar de alargar o consumo interno, apurando o mais possível o que tivermos de enviar para o estrangeiro.

4.ª — A grande sabedoria, na venda de productos, agricolas, consiste em acompanhar-se as alternativas de preços nos mercados consumidores, de modo a serem alcançados bons lucros. O regime de consignação é o peor meio commercial para exportar frutas; e, no entanto, é o que vigora no nosso commercio exportador, por nos faltarem o credito agricola e as organizações cooperativas de produção e venda.

5.ª — A industria citricola, em todo o mundo, está sendo objecto de estudos especiaes no seu aspecto de conjunto (agricola, commercial e industrial), motivo pelo qual não nos deveremos atar á preocupação exclusiva do augmento do volume das exportações. E' bem certo estar a produção citricola nacional exigindo uniformidade nos rendimentos e melhoria constante da qualidade do producto e do seu estado sanitario, para podermos garantir os mercados conquistados e nelles lutar-mos com concorrentes antigos e novos que surgirão forçosamente, confiantes nas tarifas preferenciaes.

6.ª — Até 1927, a Argentina foi o nosso melhor mercado para laranjas. Dahi para cá deslocou-se a exportação, em grande parte favorecida pelo cambio baixo, para a Grã-Bretanha, que passou a receber cerca de 95% das nossas remessas destinadas ao estrangeiro.

7.ª — Na opinião dos economistas e pelo conhecimento dos dados estatisticos, a Grã-Bretanha pode offerecer ainda margem para grande desenvolvimento do commercio brasileiro de laranjas. Isso não quer dizer devamos descuidar de abrir outros mercados na Europa, tanto mais quanto, pela celebração de accórdos commerciaes, segundo a orientação traçada pelo Itamaraty, poderemos obter tarifa minima em alguns desses mercados, circumstancia essa que viria enormemente facilitar á expansão do nosso commercio de laranjas.

8.ª — Evidentemente, a tarifa preferencial pleiteada pela União Sul-Africana (possivelmente seguida de maiores restricções no futuro) veio criar situação de serias difficuldades para a laranja brasileira no mercado inglez, exigindo esse facto grande apuro na qualidade de nosso producto, não nos deixando embalar pelo proclamado sabor da laranja brasileira.

9.ª — Dentre as medidas exigidas pelo melhoramento constante da citricultura nacional, destacaremos as seguintes: a) organização do credito agricola para que os plantadores possam dispôr de financiamento, libertando-os dos auxilios concedidos pelos consignatarios estrangeiros; b) — augmento do rendimento medio das plantações, considerado

ainda muito baixo, devido á grande percentagem de culturas antigas, sem os requesitos aconselhados para garantia dos supprimentos ao mercados mais exigentes; d) — eliminação das causas parasitarias que porventura prejudiquem a reputação do producto brasileiro.

10. — O desenvolvimento de um programma seguro, visando o augmento do consumo interno, salientando-se, dentre as providencias aconselháveis; a) — diminuição de todas as despesas de produção, transporte e embarque; b) — adaptação de navios nacionaes, com camaras frigorificas, para emprehendermos a conquista de novos mercados; c) — abaxamento dos fretes e de impostos; d) — garantia da liberdade de embarque de frutas em todos os portos, que ficaria ao criterio dos embarcadores, podendo usar para esse fim de meios mecanicos aperfeiçoados.

11. — Com a concurrencia da laranja brasileira na Grã Bretanha, muitissimo lucrou o consumidor inglez, sendo ainda digno de nota o facto de recahir sobre capitaes inglezes, representados por mercadorias e empresas de navegação, os tributos criados para o fim de favorecer suas colonias.

12. — O Brasil importa em elevada proporção frutas frescas como maçãs, peras, uvas, castanhas, amendoas, etc. provenientes dos Estados Unidos, Nova Zelandia, Africa do Sul, Argentina, Portugal, Chile, Hespanha, adoptando em relação a esses paizes politica altamente amistosa, por conceder livre entrada em seu territorio. Essa importação, nos ultimos tres annos, foi a seguinte:

Annos	Kilos	Valor em mil réis
1930	11.148.448	25.262:748\$000
1931	11.305.036	32.008:707\$000
1932	11.401.377	24.328:237\$000

13. — Deduz-se, finalmente, de quanto ficou exposto, haver necessidade de adoptarmos programma de conjunto que, evitando o perigo da super-produção fruticola no paiz, importe na systematização do melhoramento e defesa da exportação, apurando-se tanto quanto possível, em qualidade e uniformidade de classificação, o que tivermos de enviar para os mercados externos.



FRANCISCO GIFFONI & C. - 1º de Março, 17
RIO DE JANEIRO

SERAFIM VALLANDRO

Como um homenagem especial e um sincero preito de saudade, abrindo espaço para um registro que nos commove profundamente: — o fallecimento prematura e inesperado de Serafim Vallandro — o provector presidente da benemerita Associação Commercial do Rio de Janeiro — “um homem symbolo”, conforme o cognominou, em expressão feliz, o *Jornal do Commercio* desta Capital.

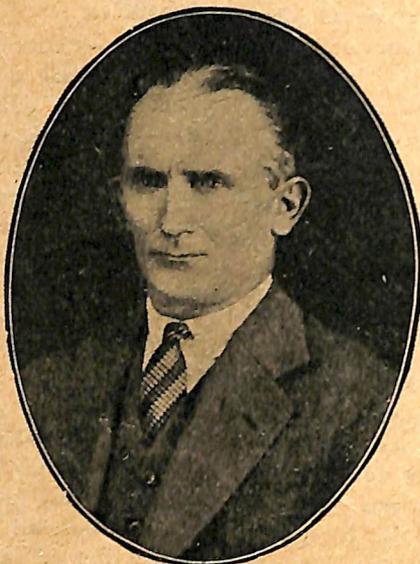
Consternou-se a alma nacional, sobretudo entre as figuras exponecias das classes conservadoras do paiz, ante o rude golpe desferido.

Desappareceu, reclamado pela fatalidade ineoravel da morte, sempre traiçoeira, um grande leader, um verdadeiro, um lidimo chefe, inspirador, a um tempo, energico e sereno, do movimento coordenador da forças activas a serviço do commercio brasileiro, ao qual desde muito annos se consagrara.

Commerciante atilado e probo, antes do advento da Revolução, vivia Serafim Vallandro, do trabalho perserverante, quotidiano, proficuo.

Era, comtudo, um nome sem projecção radiante no meio em que labutava, e, no qual, depois, havia de refugir com titulos de gloria immorredoura.

Extremamente modesto, occultava-se á sombra. Mas, a Revolução, de que se fizera adepto fervoroso, alentou-lhe os sentimentos de patriotismo. Correligionario dos ele-



Serafim Vallandro
Presidente da Associação Commercial
do Rio de Janeiro

mentos victoriosos, resurgiu no ambiente agitado e renovador, impondo-se, pelos dotes de excepcional civismo, mercê do qual poude presertar ao paiz um valioso concurso á obra de reconstrucção economica, além de por ao serviço de sua classe uma actividade sem treguas, uma

dedicação sem limites, á que se deu com o sacrificio da propria saúde, da propria vida, afinal.

Não tardou que, aureolado do grande prestigio que grangeára, mercê de seus esforços e do são patriotismo que sempre lhe inspirára as attitudes; não tardou que Serafim Vallandro fosse reclamado pelas instituições mais importantes desta Capital, onde seu nome passou a figurar em posições destacadas nas respectivas Directorias.

A Sociedade Nacional de Agricultura suffragou-lhe o nome em recente eleição, dando-lhe um posto no seu Conselho Superior.

Ahi está a vagão de ser da sinceridade de nossa magua. O golpe nos attingiu de rijo. Soffremos uma perda real, directa.

E', pois, profundamente consternados que aqui fixamos o doloroso acontecimento.

Não entraremos em minudencias, de ordem meramente noticiosa, relativamente á manifestações de pezar que a cidade e principalmente o commercio, tributaram ao seu grande morto.

Basta consiguemos a nossa adhesão a todas essas manifestações.

A Lavoura, porém, organ interpretativo dos sentimentos e dos pensamentos da Sociedade Nacional de Agricultura, devia a Serafim Vallandro esta homenagem especial, seguindo, assim, á attitude de toda a imprensa, em cujo meio a morte do benemerito gaúcho repercutiu dolorosamente.



Sabão
Sulfol

Antiseptico

Desinfectante

Parasitocida

Indispensavel na lavagem dos cães, cujo pello torna macio e sedoso

De grande efficacia no tratamento do Eozema, Sarna, Herpes, Darthros e outras molestias da pelle dos animaes

Elimina pulgas, carrapatos e demais parasitas

GRANADO & Cia.



Rio de Janeiro — Brasil

Monocultura e Superprodução

O cultivo da terra foi sempre considerado, com justa razão, a profissão abençoada por Deus.

Não obstante, o agricultor, em vez de uma terra desbravada, para nella operar o seu labor de todos os dias, encontra-a, muita vez, eivada de obstaculos que exigem tenacidade e bôa orientação, para vencer e prosperar.

O Creador da natureza deu-lhe, além da terra fecunda, a intelligencia e a vitalidade, para utilisá-las em beneficio da humanidade, dizendo-lhe — Trabalha que te ajudarei.

Cumpre-lhe, portanto, fazer bom uso dessa dadiva paternalmente concedida, qual escudo, para se defender dos obstaculos que se lhe deparam, creando situações embaraçosas, de solução aparentemente superior á sua capacidade profissional e ao seu esforço, maximo, quando isolado, como sóe ser em nosso meio, desprovido, ainda, das vantagens do cooperativismo e do credito rural, tão generalizado em outros paizes.

Entre os obices que, de ordinario, inutilizam a labuta de muito tempo, causando desgosto e quiçá a ruina, destacam-se as duas fórmas que encabeçam estas palavras desconchavadas.

Trata-se de assumpto assas, debatido, no qual, entretanto, convem insistir, para salientar as suas origens, procurando arredar do máo caminho, os obstinados que, difficilmente attendem aos conselhos dos que, melhor avisados, desinteressadamente os tentam orientar, referindo factos positivos, ocorridos aqui, acolá.

Ainda agora, pelas noticias dos jornaes, ficamos sabendo que o Governo da Republica do Equador, dará o premio de dusentos mil dollars, a quem descobrir um meio eficaz de cura das doenças dos Caçueiros, produzidas por fungos.

Tal premio, de quantia tão avultada, bem demonstra o empenho

CORNELIO LIMA

que essa nossa prospera vizinha faz, para debellar a alludida praga. E' que o Cacau, para esse paiz, tem a mesma significação que o Café para o nosso caro Brasil.

Como tal producto de exportação fosse bem cotado, devido á bôa qualidade e ao cuidadoso preparo, os plantadores dedicaram-se, em excesso, á sua cultura, descurando de outras, egualmente remuneradoras, de modo que, o aparecimento da dita praga, acarretou-lhe enorme crise que só conseguirão debellar, dispendendo sommas fabulosas, como se deu com o Governo dos Estados Unidos, relativamente á mosca do Mediterraneo, que atacou os vastissimos laranjaes da California, praga essa que, infelizmente, já se encontra entre nós, segundo afirmou o Dr. Moura Brasil. Nem outra causa parece ter o apodrecimento das laranjas de certas localidades, não obstante a sua bella apparencia. Não consta que se trate de combatel-a e ainda menos de a extinguir. A divina providencia cuidará disso!

Os nossos actuaes productores de café estão purgando o erro cometido por seus antecessores, que se entregaram cégamente a esse ramo de cultura que, de facto, durante a segunda metade do seculo passado, fez a prosperidade do paiz e a opulencia de algumas familias de grandes fazendeiros, que se tornaram tradicionalmente conhecidos. Mas, de nada valeu essa riqueza illusoria. Os seus decedentes por ahí vagueiam, em lastimavel penuria.

Cabe a responsabilidade dessa decadencia, principalmente, á obstinação dos conductores da politica nacional, membros dos dois partidos politicos existentes áquella época, que persistiram em manter, a todo o transe, o braço escravo. Entretanto, em preito á verdade, é

justo reconhecer que foi elle a columna forte que serviu de apoio, para essa conquista transitoria, que nada mais deixou ás novas gerações, que as devastações das florestas, ora convertidas em pastagens, que se estendem por ahí além.

Afinal, veio um gabinete, dito conservador que, manobrado pelo Regente, decretou essa libertação, humanitario condão da Princesa, acto esse que, aliás, deveria competir ao partido liberal, prova essa de que não tinham programma.

Recentemente se consorciaram os eminentes chefes dos partidos politicos da velha Inglaterra, para o fim altruistico de salvar a patria ameaçada de ruina. Os nossos estadistas tambem se juntaram mas, com intuitos inteiramente opostos, isto é, para a defesa de seus interesses particulares ou para melhor dizer, de seus credores, os commissarios de café, em cujas gavetas viviam presos, não poucos dos Senadores e Deputados, que possuíam fazendas e escravos.

Segundo o costume da época, os fazendeiros abusavam do credito, contraindo emprestimos com os commissarios de café, para comprar escravos, derrubar florestas virgens e plantarem mais cafesaes.

E eram considerados modelares os que mais desenvolviam tão brutal programma!

Em começo, as grandes plantações existentes, apenas se limitavam: em São Paulo, a uma zona que tinha Campinas por centro e no Estado do Rio, ás grandes fazendas existentes nos municipios de Vassouras, Valença e Cantagallo, sómente nas vertentes do Rio Parahyba, pois as terras pertencentes á grande comarca desse nome, abrangiam as que hoje formam os Municipios de Japuhya, Friburgo, Carmo, Sumidouro, Bom Jardim, Madalena, S. Francisco de Paula e S. Sebastião do Alto.

Os maiores fazendeiros então conhecidos, foram: no Pirahy, o

Commendador José Breves e o seu cunhado Gonçalves de Moraes, apelidado, não se diz por que motivo, o Capitão Mata Gente, ambos chefes políticos de grande influencia, um liberal e outro conservador; em Valença, o Barão do Rio Bonito; em Vassouras, a família Teixeira Leite; e em Cantagallo, o Barão de Nova Friburgo, cujas extensas propriedades se estendiam pelos valles do Rio Negro e Ribeirão dos Areias, até as margens do Rio Parahyba.

Quanta terra e quanto negro!

Esse nababo foi o constructor do palacio presidencial do Cattete, em cujo frontespicio, além das aguias, que eram de gesso, se liam as iniciaes — B. N. F. — maliciosamente commentadas, dando a entender que a fortuna do titular não provinha só do café. Essa maldosa interpretação tinha por base a existencia clandestina de certa industria criminosa que prosperou por aquella época.

São recordações do passado, lembradas, apenas, pelos poucos sobreviventes de uma geração que se extingue.

A especie de cafeeiro então conhecida e cultivada, era a — arábica —, de grande durabilidade, galhos alongados, que carregavam tanto, a ponto de tombarem ao peso dos frutos.

Como era lindo, ver-se, em noite de luar, o vasto lençol a que se assemelhava um cafestal florido! E mezes depois, qual manto vermelho, quando coberto dos bagos de ouro!

E o aroma que desprenhia! Como isso era agradável, particularmente ao olfato do dono!

Esse estado de coisas permaneceu quasi estacionario, durante alguma decennios, até, que, em consequencia do desaparecimento das florestas, que mantinham o regimen pluvial, destruidas pelo machado, em collaboração com o fogo, sobreveio a escassez das chuvas e o aquecimento climaterico, como se tem verificado nas zonas devastadas, acima referidas.

Essa mutação da natureza, tornou aptas, para a cultura do cafeeiro, as terras outr'ora chamadas frias que, por serem muito chuvosas, malmente serviam para a plantação de cereaes.

Até então, só se fazia referencia ás boas terras do Ribeirão Preto e adjacencias, como sendo aproveitadas para as grandes roças de milho, que os fazendeiros plantavam para engordar porcos, com o que faziam grandes remessas de toucinho, para os centros consumidores, transportando-o ás costas de muares ou em carros de bois.

A propria criação de gado se restringia, então, ao necessario para o serviço da fazenda.

Saudosos e pacatos tempos, que não voltam mais!

Todo o mundo vivia feliz, nas fazendas ou nos povoados.

Ninguém morria de fome.

Como está tudo mudado!

Não gosavamos as delicias do cinema, que cança a vista, mas favorece os rendez-vous; os automoveis, que abreviam as distancias, mas atropelam os distrahidos, nem os telephones que facilitam os colloquios interminaveis dos namorados, esgotando a paciencia humana,

Algodão brasileiro no Japão

A boycottagem do algodão da Índia ingleza continua a ser feita no Japão, havendo pouca possibilidade no exito das negociações entabuladas entre os paizes interessados.

E' principalmente o alto commercio e a classe industrial de Tokio que persistem no proposito desta boycottagem até que a Índia e a Inglaterra modifiquem claramente a politica-commercial que actualmente seguem.

mas... dez tostões valiam mil réis, que circulavam em moedas de prata, de boa liga ou de puro cobre, daquellas grandes, de 40 e 20 réis, que inteiravam os cruzados e as patacas, que davam para tudo, com fartura. E agora! Mas, deixemos de lado as lamurias e passemos ao assumpto principal.

Foi, pois, devido ao phenomeno natural do aquecimento da terra, proveniente da diminuição das chuvas, como vinhamos referindo, que os donos das terras, ditas frias, até então quasi desaproveitada, se lembraram de destinal-as á cultura do cafeeiro, dando preferencia á especie conhecida por — Café Java ou Bourbon — de galhos erectos, em formas de leque, não tão longos como os da especie até então conhecida mas, egualmente muito productiva. E foi assim que se cobriu de estensos cafesaes os sertões do Oéste de São Paulo e as serras da Magdalena e de Macahé, no Estado do Rio, as quaes, de quasi incultas, e despresadas, que eram, se valorisaram extraordinariamente, enriquecendo os felizes proprietarios. Essa prosperidade dos fazendeiros de café, estabelecidos nos terrênos alpestres do Estado do Rio, coincidiu com a decadencia dos seus collegas, domiciliados de — serra abaixo, — devido, em parte, á queda do preço do assucar, que era o unico producto vendavel, de qualidade inferior, fabricado ainda pelos processos coloniaes. Incapaz, portanto, de supportar a concorrencia com o genero produzido nos grandes Engenhos Centraes, que as installaram por essa época, em Quissaman, em Campos e nos Estados do Norte. A exportação era feita em falúas, que encostavam ao engenho, onde recebiam o producto que, em caixas de madeira, era transportado por simples canaes, até o Rio Macacú, no lugar que, por essa causa, tornou-se conhecido pelo nome de Porto das Caixas, ainda subsistente.

Dahi, eram as caixas transbordadas para outras faluas, de maior capacidade, que vinham até esta capital.

Esse porto teve então sua época de prosperidade porque tornou-se o emporio da exportação do café produzido nas grandes fazendas de serra — acima, de onde era conduzido por tropas de 3 ou 4 lotes, com 7 ou 8 burros, cada um, por caminhos que só não se pôde dizer intransitáveis, porque bem ou mal, por elles passavam. No tempo das chuvas, então abundante, o lamaçal formava caldeirões, que prendiam as patas dos pobres animaes, portadores de 8 arrobas de café, afóra a sobrecarga de milho, para o proprio sustento, precisando, muita vez, ser descarregado pelos tocadores, ajudados pelo arrieiro, o que faziam com grande dificuldade, por lhes faltar ponto de apoio naquelle mar de lama.

Não obstante, o animal que vinha na frente, resignadamente se enfeitava com pesada cabeçada de pura prata, ornada de vistoso penacho e sonante campainha e nella gravado o nome da fazenda, que se ligava ao do proprietario, sempre de prestigioso chefe eleitoral, conservador ou liberal.

Não se levava em conta os compromissos que esses magnatas tinham para com os seus correspondentes, dos quaes maior credito mereciam, quanto mais escravos comprassem e quanto mais mattas derribassem, para mais, ainda, aplaírem os seus já vastissimos cafeaes.

Por tal arrojão se aferia o credito desses inconscientes devastadoras. Assim são também invejados, actualmente, os *nouveaux riches*,

que, tendo já construído o seu aranha céu, com o dinheiro do banco protector, disponham ainda de recursos para se arrojam afoitamente, na compra de terras brejosas, que nada valiam, á razão de conto de réis e mais, por alqueire.

Si fosse para o plantio de varias especies de frutas, tão bem aceitas dos consumidores, vá lá, seriam até dignos de elogio, mas, só plantam bananas e laranjas, para exportar.

De nada servio a lição que tiveram os plantadores de café, que agonisam, enviando commissões e reunindo congressos, que nada resolvem, chegando-se ao recurso extremo de transformar em combustivel, o producto que tanto sacrificio custou, para não lançá-lo ao mar. A nada attendem. De nada valem as noticias alarmantes, de todos os grandes centros productores mundiaes.

O trigo existente no mundo sem encontrar compradores, eleva-se a fantastica cifra de cinco a seis bilhões de bushels; o assucar excedente ás necessidades é avaliado em seis milhões de toneladas; a produção do café, na ultima safra, elevou-se a seis milhões de sacas, isto é, ao dobro do consumo normal; o stock de chá existente na Inglaterra, é de 112 milhões de kilos; a colheita do algodão atingirá a 28 milhões de fardos, isto é, 12 milhões mais do que no anno passado, além de outros artigos que não se relacionam com a agricultura.

Estejam de sobre aviso, os productores das novas especies cultu-raes, que estão merecendo geral preferencia, para não entrarem para o quadro negro que lhes apresentamos, de super-produção. Fiquem sabendo que, em Baltimore, um wagão de bananas foi cotado a menos de 25 centavos, obrigando os productores a se sujeitarem a recursos extremos, semelhantes ao nosso, relativamente ao café.

Para que nos cingirmos sómente a cultura das duas especies referidas, a banana e a laranja que estão absorvendo a attenção dos néo-fruticultores?

Temos tantas outras especies, igualmente dignas de serem cultivadas, como sejam as chamadas europeas, que são proprias dos climas frios, das alturas, da serra dos Orgãos, da Mantiqueira e de outras muitas, no interior do paiz; o delicioso abacate, tão apreciado, por moços e velhos; o ultra-depurativo cajú, cuja castanha também é artigo de commercio; a manga espada e a carlota, já favoravelmente conhecidas nos mercados consumidores; o saboroso abacaxi e outras que se conhecem no norte do paiz; deliciosissimas, algumas pouco conhecidas, até mesmo, dos sulinos; o cacau, que medra especialmente nos terrenos fertilissimos da baixada fluminense, ricas de humos, e das demais condições exigidas por essa planta, como ficou evidenciado nas plantações que foram feitas, para ter júis ao premio concedido pelo Decreto n.º 872, de 13 de Outubro de

99,88%

E' A PUREZA DO

Formicida "Júpiter"

Segundo Analyse do Ministerio da Agricultura em 4-3-1932

"Elekeiroz" S. A.
SÃO PAULO
Caixa 255

1904; do Presidente Nilo, a quem plantasse, pelo menos mil pés.

O Dr. Silva Castro, ex-deputado federal, fez em sua fazenda, perto da Estação de Triunfo, um plantio de cerca de cinco mil pés, que já produziam, quando elle a vendeu a um industrial, que installou uma Usina de assucar nas proximidades.

Esse monocultor, não podendo permitir em suas terras outra planta senão a canna de assucar, fez derrubar barbaramente e arrancar os tocos e raizes dos cauceiros, substituindo-os por canaviaes. Resultado: o assucar está em crise, por excesso de produção, enquanto a produção mundial do cacau, não é sufficiente para o consumo, que cresce de anno para anno, melhorando sempre o preparo e de preço.

A mandioca, que tanto se presta ás grandes, como ás pequenas culturas, é outra especie que se pode exportar, sob varias modalidades geralmente conhecidas. A raspa, seria uma boa forma de exportação, se alguém já se tivesse lembrado de experimentar, pois sabe-se que tem havido procura, sem encontrar fornecedores em quantidade apreciavel; outros paizes a exportam dessa forma.

Além das varias modalidades, conhecidas, em que se pode transformar-a, temos tambem o Alcool-motor, que está sendo preconizado, como mais rendoso que o de canna, que convem ser aproveitada na fabricação de assucar e do alcool para uso comum.

A baunilha é outra planta que viceja admiravelmente nas terras ricas de humus e regularmente irrigadas pelas chuvas, como são as das baixadas

Quando proprietario da fazenda S. Marcos, no Estado do Rio, consegui fabricar chocolate, com o nosso cacau, o nosso assucar e a nossa baunilha, como já disse em publicação anterior. Cultivámo-la encostada ás paredes, muros e a arvores baixas, de modo que facilitasse a fecundação da flor, que é bi-sexual, trabalho esse que era

executado por um rapazinho, com o auxilio de uma pequena escada de abrir e um palito. As vagens amarradas em pacotinhos, de cem gramas ou em tubos de vidro, com tampa de rosca, eram bem aceitas no comercio, que as pagava á razão de 80\$ e 90\$000, o kilograma. Hoje daria 250\$000 ou mais.

Em geral se crê que o trabalho de fecundar as flores e preparar as vagens é afanoso. Pois é até interessante, apenas reclamando cuidados e paciencia.

Entretanto a altitude da fazenda, de mais de 200 metros, não era a mais propria para essa cultura e nem para a do cacau. E a nossa rica, mas abandonada flora fibricola, tão abundante e variada? Até quando dependeremos da importação da fibra indiana com que fabricamos os saccos para a embalagem e exportação dos productos da lavoura e para outros tecidos?

Alonguei-me em detalhes que

Concessão de terras de S. Paulo para plantação de algodão

A Embaixada do Brasil em Tokio, acaba de informar que importante grupo de proprietarios de fabricas textis japonezas, de commum accordo com poderosa empresa, que dispõe de vultosos capitaes, está estudando um projecto com a finalidade de obter uma concessão de terras no Estado de São Paulo, onde possa dedicar-se á plantação de algodão, em grande escala, afim de, no futuro, abastecer, regular e continuamente, os mercados manufactureiros do Japão. Para o devido estudo, acabava esse consorcio de encommendar, por telegramma, a remessa de 300 fardos de algodão, sem cogitação de preços.

Julguei convenientes, para tornar conhecidos da nova geração contemporanea, os velhos costumes coloniaes e atrasados que nos transmitiram os nossos avoengos, para por elles avaliarem quanto tem custado rompermos com a rotina inveterada que nos trouxeram da patria mãe, seguramente o paiz mais atrasado da velha Europa.

Coube-nos a ardua tarefa de debastar o terreno, para receber os melhoramentos resultantes do progresso, que se manifesta pelas mais aperfeiçoadas fórmãs, trazendo o bem estar que, oxalá, saibam os da nova geração aplicar em beneficio da comunidade.

Sigam os bons conselhos dos que estudam, e se reúnem periodicamente, para trocar observações, sempre interessantes e uteis aos que precisam aprender e querem progredir.

Entre essas agremiações de estudiosos, a quem me quero referir, destaca-se a Sociedade Nacional de Agricultura que, pelos serviços relevantes, que tem prestado, é justamente galardoada com o honroso qualificativo de — benemerita.

Os assumptos tratados nessas reuniões devem ser lidos com a maior attenção e seguidos pelos noveis agricultores.

Com pesar não as frequento porque a minha idade avançada já não o permite, pois, desde o inicio, venho acompanhando a existencia cheia de precalços, dessa benemerita associação, que perigou, por mais de uma vez, como vamos expor, em sucinto retrospecto.

Tinha ella a séde installada no sobrado da ex-uxaria do paço, quando valeo-lhe de crise imminente, o prestigioso amparo do Dr. Antonino Fialho, então Deputado Federal, auxiliado pelos Baptista de Castro, Travassos, Caire, Gandra, Sergio de Carvalho e outros devotados amigos da lavoura.

Esse distincto fluminense teve por successor o humanitario oculista Dr. Moura Brasil, adeantado fazendeiro no Estado do Rio, que

prestou relevantes serviços a Sociedade, eficazmente auxiliado pelo Dr. Felipe Caire na direção do Horto da Penha, que distribuía gratuitamente, mudas de plantas frutícolas.

Ocupou a presidência da Sociedade, em seguida o professor Wenceslau Bello, que, durante largo período poz ao serviço da mesma, toda a sua assidua e provecida dedicação, elevando-a a uma situação não atingida até então devido, em parte, a prestigiosa colaboração do Dr. Ignacio Tosta, deputado bahiano, incansavel propugnador de beneficios para a lavoura e bem do paiz.

Por sua benefica intervenção, conseguiu a Sociedade enthesourar recursos que, mais tarde, converteo no magnifico predio onde ora funciona, construido sob a habil direção do engenheiro Sousa Reis.

Teve grande expansão, nesse periodo, o fornecimento de formicida e arame farpado, que era importante, livre de impostos, por uma

casa comercial que se incumbia de fazer as remessas aos consumidores, pelo preço do custo.

A passagem do serviço de distribuição de plantas, para o Ministerio da Agricultura, recentemente installado e a cessação do fornecimento dos artigos de commercio, acima referidos, coincidiu com o falecimento prematuro do operoso Dr. Bello, de inesquecível recordação, cahindo a Sociedade em um periodo de assefalia da qual foi salva pelo amparo que lhe deu o Senador Lauro Muller, cuja presidência foi de pouca duração, por ter sido chamado para ocupar uma pasta ministerial.

Passou ella, então, a servir de curso pratico aos futuros Ministros da Agricultura. Lá se tem ido buscal-os.

Até que, afinal, chegou a vez de ser ocupada, a sua presidência, por um moço que conhece por dentro os assumptos que se ventilam nesse reducto de homens de boa vontade.

Esse distincto profissional, que dedica os seus melhores esforços e reconhecida competencia á dita Sociedade, presidindo ás suas instructivas sessões, nas quaes são tratados assumptos de actualidade e relevancia, é o Dr. Arthur Torres Filho, que tambem desempenha, com brilho, o elevado cargo de Director do Fomento Agricola que, pela diversidade de serviços que lhe são subordinados, representa a — celula mater — do Ministerio da Agricultura. (*).

Na direcção desse departamento da dita Secretaria, SS. tem prestado eficiente colaboração ao Sr. Ministro Assis Brasil, grande mestre em conhecimento de agricultura e de politica republicana.

Tem, pois, todas a applicação, com referencia a esses dois eminentes brasileiros, a conhecida frase — the right man in the right place.

(*) O articulista escreveu esse interessante trabalho quando ainda exercia essas funções o Dr. Arthur Torres Filho.

CASA FLORA

Schlick & Nogueira

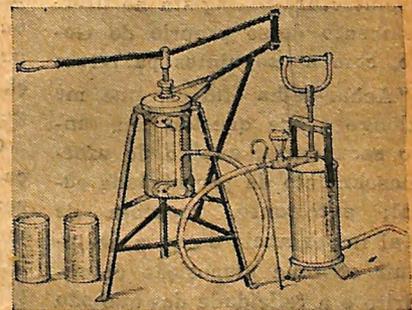


Rio de Janeiro
Ouvidor, 61
Gonç. Dias, 67

TRABALHOS
MODERNOS EM
FLORES PARA
TODOS OS FINIS.

PLANTAS - fructiferas e
ornamentaes.
SEMENTES - importação directa.
FERRAMENTAS - INSECTICIDAS
A JARDINAMENTO.

A S A U V A



Esta praga tão terrivel quão damninha, só as tem quem quer, pois com as afamadissimas machinas extintoras "MORAES" e o seu não menos afamado Ingrediente Formicida em Pó, não ha formigueiro por mais rebelde que resista. Todo o Lavrador deve possuir uma destas machinas que além de solida é muito leve e de facil manejo.

CATALOGO e mais INFORMAÇÕES a quem SOLICITAR para os Snrs. Abrahão de Moraes & Cia., Caixa Postal 519 — São Paulo.

No RIO, com os Srs.

Leite, Telcholtz & Cia. Ltda.
Rua Republica do Perú, 79

ARCHITECTURA PAISAGISTA

Prof. ARSENE PUTTEMANS

Attendendo ao convite que me foi dirigido pela Commissão do "Habitat agricola", falar-vos-ei, hoje, da architectura paisagista e do seu aproveitamento na vida rural, dando a essa expressão o sentido mais lato ou seja, abrangendo: povoações do interior, fazendas e chacaras.

Já varias vezes tenho chamado a attenção sobre as vantagens que poderia proporcionar ao morador do campo o viver num ambiente florido, cercado dos encantos que pode facultar-lhe os elementos da paisagem natural ou modificados mediante pouco esforço e algum gosto.

Eis assim, que num relatorio por mim apresentado, ha algum tempo ao Dr. Arthur Torres Filho, então Director do Serviço de Inspeção e Fomento Agricolas, sobre o projecto de organização do campo de Sementes "Arthur Bernardes" justificava á applicação da architectura-paisagista no aforoseamento d'esse proprio do Governo, com as seguintes palavras:

"Achar-se-ha talvez, que me alongo sobre questão um tanto secundaria, qual o do aforoseamento da propriedade rural; entretanto, reputo-a de real importancia e capaz de influir sobre a disposição de espirito e a felicidade dos que são chamados a viver em logarejos do interior. A architectura-paisagista parece, por isso, constituir um esplendido elemento na realização do lemma "Rumo ao Campo". Nesse sentido, nada do que possa concorrer para tornar aprasivel a permanencia na fazenda ou no sitio, deve ser desprezavel e por conseguinte, um factor como este, que permittissem gastos excessivos, transformar pouco a pouco o lugar mais feio, o sitio mais ingrato em um pequeno

"eden, bem merece fixar a nossa attenção".

"Realizado que seja esse exemplo de architectura-paisagista rural, embora em toda a sua singeleza, talvez despertará entre os proprietarios da região, o espirito de imitação, propagando-se entre os mesmos, este gosto do bello, que constitue um dos encantos da vida, para os caracteres bem formados".

Pelos exemplos que vos projectarei d'aqui a pouco na tela de projecção, podereis julgar quanto me tem preocupado essa adaptação á fazenda dos principios da architectura-paisagista, todavia, quero declarar, desde já, e bem expressamente, que não limito o campo do architecto-paisagista á criação de parques e jardins, enfeitando os arredores das casas particulares ou os dos edificios e logradouros publicos, mas sim dilato a sua acção e competencia á paisagem em geral.

Quer isso dizer, que reputo da alçada exclusiva deste especialista a conservação dos sitios naturaes de maior belleza numa região como tambem as medidas a serem applicadas para corrigir ou remediar os defeitos de certas paisagens oriundas frequentemente da acção inconsiderada dos moradores da região ou do desleixo e ignorancia de intendentes municipaes.

Aliás, o titulo de paisagista vae pouco a pouco substituindo o de architecto-paisagista, embora essa designação possa crear certa confusão entre este especialista e o pintor-paisagista. Realmente com a preocupação actual de muitos paizes em conservar ou melhorar os seus sitios naturaes de maior belleza, com o fim de attrahir e re-

ter turistas e veranistas, é logico designar-se o especialista incumbido dessa tarefa pelo nome de paisagista.

Assim entendido, e tomando por exemplo o Rio de Janeiro, ao paisagista caberia, não apenas tratar dos parques e jardins e plantações de alinhamento (arvores de sombra) como tambem, em collaboração com o Serviço Florestal Municipal ou Federal, conservar ou melhorar os sitios pittorescos tão abundantes em redor da Capital, porém seriamente ameaçados de desaparecer, como foram pouco a pouco desaparecendo a vestimenta florestal de varios morros da cidade ou das suas immediações.

Lastimo profundamente o exclusivismo d'alguns dos nossos intellectuaes ou cultores de bellas artes, que parecem considerar somente digno de interesse numa cidade, o desenvolvimento ou a imponencia da sua edificação. Este exclusivismo tem chegado ao ponto de maldizer das incomparaveis bellezas naturaes que tornam a cidade do Rio de Janeiro a mais bella do mundo, por entender este esquisitos esthetas que desviando as mesmas a attenção dos forasteiros prejudicam a admiração que ao seu ver deve ser reservado exclusivamente a operosidade e ao talento dos nossos architectos e principalmente os constructores de arranha-ceus.

Sem querer discutir aqui esse modo tendencioso de encarar o progresso da nossa Capital, penso que deveriam comtudo, esses apologistas da edificação moderna, considerar que uma bella moldura realça sempre o quadro, e que o elemento vegetativo, de permeio com as edificações concorrem para dar ao conjuncto mais graça e mais vida. Aliás, temos disso numerosos exemplos, nas maiores e mais bellas cidades do mundo, onde se

procura envolver os edificios publico e grandes palacetes particulares no meio de vegetação. Basta tambem mencionar para apoiar mais ainda a nossa argumentação os espaços cada vez maiores conquistados nos centros das grandes cidades para o alargamento de logradouros publicos, alegrados com jardins, flores, e farta arborização.

No Rio de Janeiro, parece dar-se o contrario e os parques e jardins que possuímos vêm pouco a pouco restringir a sua aria. Morros, como o de Santo Antonio por exemplo que se prestaria admiravelmente para se construir, no meio da cidade, um bello parque, está nas vespuras de ser atirado na magnifica praia da Gloria, para transformal-a em um caes retilíneo, em completo desaccordo com o contorno circular e tão gracioso das nossas praias.

O arrazamento projectado viria pois privar a cidade de dois elementos de belleza incomparavel. Com effeito o morro ajardinado e arborizado, que se galgaria por declives suaves ou rapidos elevadores constituiria certamente um passeio pittoresco, que no centro mesmo da cidade, teria a maior concurrencia. No cume poderia ser levantada uma casa de diversão rodeada de vastos terraços, onde

nas tardes calidas, moradores e fcrasteiros poderiam gozar da brisa maritima, descortinando um panorama admiravel. Para desenvolver a edificação da cidade não é o espaço que falta aos nossos constructores.

Por isso na construção d'um parque ou jardim, tudo deve ser calculado e estudado previamente, tudo deve ser a sua razão de ser, a sua explicação racional, nada cabendo ao arbitrario. Ao architecto-paisagista compete estabelecer, além da planta geral ou "rendu", varias plantas de execução, como sejam:

— a que deve servir ao traçado no terreno, dos caminhos, dos massiços; a localização das arvores isoladas, dos canteiros floraes, assim como de todas as edificações, tanto principaes como accessorias;

— uma planta detalhada dos movimentos de terra para a realização da modelagem ou relevo do solo, com marcação das "cotas" e cubagens approximadas da terra a serem deslocadas, assim com o desenho dos perfis em todas as direções;

— uma planta das diversas lavras e estrumações segundo a constituição das terras, (solo e sub-solo), e a natureza dos vegetaes a serem plantados;

— uma planta das plantações,

que vem a ser das mais importantes, e na qual é indicada a posição exacta de todas as arvores e arbustos para esse fim, numerados de accordo com as respectivas listas de encomendas descriminando quantidade e dimensões de cada especie ou variedade;

— uma planta das diversas canalizações para a drenagem caso for preciso, para o escoamento das aguas pluvias, para a irrigação, iluminação, etc.;

— umas plantas detalhadas de todas as "fabricas" (termo tecnico consagrado, para se designar todas as construcções secundarias), como sejam: agrupamento de rochedos, escadarias, terraços e balaustradas, pergolas, pontes, etc., com todos os detalhes necessarios a sua boa execução.

Para completar esses trabalhos preliminares, um orçamento detalhado deve ser tambem organizado com o maior cuidado.

Uma vez estabelecido os elementos disponiveis de accordo com a região, os recursos paisagisticos da localidade, a topographia do terreno, e a finalidade da obra, o artista idealizará a sua concepção, começando primeiro pelas grandes linhas de visão (perspectiva) e a modelagem do solo, os quaes condizionarão a localização dos grandes agrupamentos vegetativos, das

HORTULANIA

Rua da Assembléa, 79 - Telephone 2-0576

Sementes, ferramentas para jardinagem, arvores fructiferas, adubos chimicos, gaiolas. Ovos e aves de raça. Trabalhos em flores naturaes.

Grande chacara de culturas a RUA SENADOR NABUCO, 38 - Villa Izabel

peças de agua, etc. Depois virão os detalhes artisticos e technicos.

A belleza, na arte do paisagista é função da unidade na composição, da variedade nos detalhes, do equilibrio das massas, da harmonia nos agrupamentos de cores, emfim da originalidade e do talento com os quaes o artista, concebe a sua obra. Em principio, pode se dizer, que num projecto bem estudado, por paisagista de valor, não haverá lugar para qualquer modificação, sendo que todos os detalhes, por minimo que sejam, tem a sua razão de ser e, por isso, concorrem logicamente para o fim visado.

Quantos parques e jardins não tiveram a sua belleza prejudicada, as vezes irremediavelmente, por modificações realizadas por pessoas, quicá bem intencionadas, mas as quaes faltavam competencia ou o devido respeito ás obras de arte.

Exemplos disto, temos infelizmente no Rio de Janeiro, e a proposito seja-me permittido repetir aqui o que disse, incidentemente, no correr duma conferencia por mim realizada em Bruxellas, na associação "Le Nouveau Jardin Pittoresque", tratando dos caminhos no estylo paisagista.

"Lembrar-vos-ei que ao francez Glaziou é que se devem os "mais bellos parques e jardins do Rio de Janeiro, sendo um "delles cognominado na monumental "Martii Flora Brasiliensis" o mais bello do mundo" (e realmente houve um "tempo em que o parque da "Praça Quinze, era um modelo "no genero). O grande merito "de Glaziou foi sobretudo combinar com inexcédível gosto o "estylo paisagista ou natural "com a feerica natureza tropical".

e ainda:

"Lembrei-vos, meus senhores, "do nome de Glaziou para juntal-o a pleiade dos grandes "mestres paisagistas da ultima

"metade do seculo passado. "Oxalá, as bellezas que criou "como architecto-paisagista possam sobreviver-lhe por muito "tempo, como sobreviver-lhes-ão "os seus immensos trabalhos de "colleccionador botanico, pelos "quaes o seu nome fica ligado "para sempre a centenas de "plantas por elle pela primeira

"vez encontradas no Brasil, e "das quaes muitas são hoje espalhadas no mundo inteiro.

"Infelizmente, a Arte dos Jardins offerece, em geral, esse lado particularmente ingrato, que "os que a elle se dedicam raramente chegam a contemplar na "plenitude do seu desenvolvimento as obras que concebe-

O CAFÉ DO BRASIL NA FRANÇA

De uma publicação da firma Luis Delamare, negociante de café no Havre, intitulada "Elementos que constituem o preço de uma sacca de café", extrahimos o seguinte quadro relativo aos impostos que incidem no preço de uma sacca de café, desde Santos até o porto do Havre:

	mil réis	Francos
1.º Custo de producção	34\$650	69.30
2.º a) Despezas e taxas fiscaes em Santos	25\$150	50.30
b) Remuneração do plantador	6\$000	12.00
Preço de venda em Santos	65\$800	131.60
3.º a) Despezas e taxas em Santos	54\$450	108.90
b) Remuneração do exportador	1\$500	3
Preço F. O. B. Santos	121\$750	243.50
4.º Frete Santos Havre (U. S. \$ 1 por sacca)	12\$800	25.60
Preço de venda CIF Havre	134\$550	269.10
5.º Despezas no Havre	9.050	18.10
Preço disponivel no Havre	143\$600	287.20
6.º Direitos aduaneiros francezes	148.000	296.00
Preço liquido no Havre	291\$600	583.20

Diante desses algarismos, commenta o Sr. Delamare, a expressão corrente de "barreiras aduaneiras" parece-nos muito fraca, pois, na verdade, trata-se de um muro intransponivel, ao pé do qual agoniza, na miseria e no desespero, o commercio mundial".

Posteriormente foi creada uma

taxa para as licenças, de importação, a que nos referimos noutra nota, a razão de 1 franco por kilo, o que eleva de 60 francos o preço de uma sacca de café, que, assim, vem a ficar em 643,20 francos, dos quaes 356 francos, isto é 56%, correspondem aos impostos alfandegarios francezes.

“ram; feliz ainda se acham, quando não presenciavam elles mesmos como me tem acontecido á mutilação da sua obra pelos proprios encarregados da sua conservação”.

Infelizmente, desde a epoca em que assim me expressava, o vandalismo campeou nos parques e jardins publicos da capital brasileira, embora a vinda entre nós do urbanismo Agache, o qual é verdade, bem pouco, para não dizer nada entende de architectura-paisagista. A Quinta da Bôa Vista, o Campo de Sant'Anna, o Passeio Publico foram impiedosamente mutilados. N'este ultimo, sobretudo, não apenas os arbustos foram eliminados, mas a grama ingleza com o seu verde claro e alegre foi substituido em muitos pontos pela grama “cabeça de urso”, cujo verde escuro veio entristecer esse bello jardim, isto sob o pretexto que a “cabeça de urso” melhor medra a sombra das arvores. Mas o vandalismo foi nesse jardim a ponto de modificar a modelagem do terreno, desnudando o pé das arvores para abaixar os altos e aterrar as baixadas, nivelando um terreno ao qual as desnivelações artificiaes emprestavam uma graça toda especial. No Campo de Sant'Anna, tambem, a foice abateu impiedosamente toda a vegetação baixa que guarnecia os massiços, vegetação primitivamente constituida por arbustos floridos substituida com o tempo por plantas de folhagem ornamental e acabando finalmente pela supressão pura e simples.

Ora, estes arbustos ornamentaes num parque paisagista, não são apenas uteis para vestir a base dos grupos de arvores evitando a vista de innumerous troncos sem valor esthetico, mas contribuem a formar o que convencionalmente se chama “massiços”, os quaes são absolutamente indispensaveis para proporcionar ao passeante o imprevisito das scenas pittorescas variadas, ideadas pelo artista, e sobretudo guiar a vista para as numerosas perspectivas que devem ser um dos encantos destes parques.

A minha critica dos parques e jardins do Rio de Janeiro, não visa a maioria dos jardins particulares onde impera como é muito natural o gosto individual do proprietario, quando não seja o do jardineiro encarregado da sua conservação; refiro-me aqui aos parques e jardins publicos da Capital, creados por mestres, e nos quaes a fantasia do artista guarda obediencia ás regras e aos principios.

Não me cansarei pois, em repetir que a architectura-paisagista é uma arte, com lugar marcado entre as bellas-artes, visto o seu cultor crear obra imaginavel pessoal, realizando um quadro, ou melhor uma serie de quadros, á exemplo do pintor paisagista, que, por meio do pincel fixa sobre a sua tela as suas impressões pessoaes. Os elementos utilizados pelo architecto-paisagista são porém bem differentes, pois utiliza elle o solo, as pedras, as aguas, os vegetaes, para crear, não apenas uma ficção

como faz o pintor, mas sim uma realidade, sendo que a obra do architecto-paisagista, vive effectivamente, vibra ou muda de aspecto ao sabor da luz, do vento e das varias estações do anno.

Já no seculo XVIII, o grande paisagista inglez Whately dizia que a arte dos jardins era tão superior a pintura das paisagens, como a realidade o é da representação.

Uma das difficuldades, para o paisagista, consiste, pois, em antever o resultado da sua concepção no correr dos annos, isto é, pelo menos até a maioria dos vegetaes terem attingido o seu normal desenvolvimento. Com effeito, na paisagem, a questão de massa, de silhueta, de sombra projectada, merecerá a maior attenção e “a fortiori” a natureza e aspecto dos proprios vegetaes.

E' verdade que o paisagista tem o recurso, para manter alguns dos effeitos por elle alvejados, de recorrer á póda, a exemplo do que é praticado nos jardins de estylo classico ou geometrico, porém, no estylo paisagista com modalidade inteiramente differente. Eis assim que nesse estylo evitar-se-ha em absoluto dar as arvores formas convencionaes: esphericas ou polyedricas, limitando-se á poda racional, tendo por fim conservar a arvore, embora em escala reduzida, a forma que melhor se aproxima da que lhe é natural. Consegue-se assim, a leveza e flexibilidade das ramificações, a mistura judiciosa das folhagens de essen-

**SENHORES AGRICULTORES!!! FORMICIDA EM PO'
USEM SO'**

“Morte às Formigas”

“MARCA REGISTRADA”

50 REIS é o custo maximo de cada litro do melhor formicida que existe! Uma lata de formicida concentrada em pó, marca “Morte às Formigas”, dá para 120 litros de solução super-extra-forte, infallivel na extincção de formigueiros.

FABRICANTES CHIMICOS

DR. OLESEN & Cia. — Rua S. Pedro, 115 — Rio de Janeiro

Vende-se em toda parte - Exigir sempre a marca “MORTE ÀS FORMIGAS” - Uma lata pelo Correio 6\$000

cias diversas que, para o conhecedor, formam aspectos tão variados e tão graciosos, impossiveis de se obter com os vegetaes podados em formas geometricas.

Para utilizar, os vegetaes com o devido proveito, é, pois, necessario considerar os caracteres peculiares de cada especie, tanto em conjuncto como isoladamente, conhecer a sua adaptação ou reacção a cada natureza de terrenos, ás varias exposições de luz ou sombra, aos ventos predominantes, ás podas eventuaes, etc., sem esquecer as modalidades de perto, de aspecto e coloração da folhagem, epoca e modo de florescimento ou de fructificação, emfim todas as particularidades capazes de influir sobre o resultado final, que deve ser o maximo effeito decorativo, nas varias estações do anno, ou a evocação de sensações exóticas particulares.

Vê-se por ahi, que se a architectura paisagista de um lado é uma arte, não deixa tambem de ser uma sciencia. Requer não somente uma educação esthetica e um gosto apurado do seu cultor, como tambem o conhecimento de milhares de plantas, não apenas do ponto de vista botânico ou da sua classificação, mas tambem relativamente as suas necessidade culturaes, as particularidades da sua vegetação, da sua multiplicação e do seu comportamento nas diversas situações em que serão utilizadas.

Entretanto, muitas pessoas, sem nenhuma noção destas necessidades sem nenhum estudo especial (e entre elles collocam-se a maioria dos architectos, dos engenheiros civis e dos desenhistas de jardins, quando apenas desenhistas, e muitos amadores de architectura paisagista), imaginam piamente ser o traçado, isto é, o desenho dos caminhos e dos canteiros a parte principal, para não dizer todo o segredo desta arte na architectura paisagista e que basta a collaboração de um jardineiro para realisar uma obra de arte. Todavia, a excepção do estylo

classico ou geometrico como veremos adiante, o traçado ou desenho dos caminhos e canteiros no jardim ou parque paisagista é coisa relativamente secundaria, sendo de regra dissimular os caminhos o quanto possível, quando atravessam uma linha de visão, escavando-os ligeiramente nos gramados que atravessam. Alguns paisagistas consideram-nos como "um mal necessario". Existem, por isso, sobretudo na Inglaterra, enormes e esplendidos parques particulares, em que não ha caminhos, a não ser aquelles que da estrada publica, dão accesso a habitação ou suas dependencias, obrigando os transeuntes a caminhar nos proprios gramados. Os melhores paisagistas, consideram até que emquanto um máu traçado pode ser corrigido, a má planificação constitue erro irremediavel.

Como acabo de dizer, todavia, deve-se fazer excepção para o estylo classico, porém, antes de proseguir acho opportuno expor-vos resumidamente a classificação geralmente utilizada na arte dos jardins.

Assim poderemos considerar dois "estylos" principaes: o classico e o paisagista, comportando cada um delles diversos "generos" os quaes por sua vez, podem encerrar "scenarios" especiaes. Assim é que teremos os generos romantico ou sentimental; pittoresco ou selvagem; tropical no qual predominarão as palmeiras; florestal; rural que utilizará os campos, as aldeias, etc.

Quanto a utilidade, isto é, o fim dos parques e jardins poderemos distinguir os publicos e os particulares que diferem sobretudo pela largura dos caminhos, a esco-

lha da decoração floral; os jardins de exposições; de escolas; os parques esportivos, como stadio de corridas, campo de football, court de tennis, etc.

O estylo classico, tambem denominado estylo geometrico ou symetrico utiliza as linhas rectas ou curvas (curvas simples ou complexas porém sempre regulares, em contraste com as do estylo-paisagista) e o elemento vegetativo podado a rigor. Este estylo florescia já no tempo dos romanos, os quaes tinham dado o nome de "topiarius" ao especialista encumbido da poda. Porém, o periodo aureo do estylo paisagista foi o seculo XVII em que o celebre paisagista Le Nôtre culminou com a construcção do famoso parque de Versailles, alastrando esse genero de jardim por toda a Europa sob o nome de "Jardins Francezes".

Nestes, evidentemente, a importancia das linhas geometricas, e portanto o desenho dos caminhos e dos canteiros, supera de importancia ao elemento vegetativo. Le Nôtre e seu discipulos tinham, sobretudo em vista: a imponencia da composição, a unidade e proporções das linhas, as bellas e extensas perspectivas, a abundancia das aguas sob forma de chafarizes, repuxos, cannaes, etc. O jardim constituia então como que uma continuação externa dos appartamenti sumptuosos do palacio, enormemente ampliados, para poder servir folgadamente a numerosa e faustosa corte de Luiz XIV, denominado "O Grande".

As vantagens do estylo classico naquella epoca e naquellas reigões do centro da Europa, eram varias; permittiam, por exemplo, nas di-

FRANCISCO GIFFONI & C.

Rua 1.º de Março, 17

Rio de Janeiro

FADIGA MENTAL
NERVOSA E MUSCULAR
PHOSPHO-KOLA
 DE GIFFONI
SABOROSO GRANULADO
GLYCERO-PHOSPHATADO

versas estações do anno e até no inverno, apresentar um aspecto decorativo permanente, mercê do desenho regular dos caminhos, dos gramados, das peças de agua, como também das arvores e arbustos quasi exclusivamente de folhagem persistente e touzados em forma de paredes ou sebes, que accentuaram ainda a symetria e regularidade do desenho.

Porém, ao lado destas vantagens, o estylo classico tinha também os seus defeitos talvez augmentado nos nossos dias. Eis assim que posso apontar:

— a monotonia e até um certo sentimento de tristeza oriundos da constancia de aspecto que apresentam em todas as estações;

— a uniformidade apresentada em geral no desenho destes jardins symetricos; uniformidade devida sobretudo na difficuldade em encontrar traçados novos superiores aos imaginados pelos artistas dos seculos passados, que representam o que a critica e o bom gosto tem

imaginado de mais perfeito pelas suas impecaveis proporções. Exemplo disto temos com o jardim francez desenhado para o aterro da Gloria pelo Sr. Redon, trazido aqui, em lugar do conceituado paisagista francez do mesmo nome, pelo Sr. Agache;

— emfim, e sobretudo, o grande defeito do jardim francez é a pobreza de composição vegetativa. Na epoca de Le Nôtre, o paisagista não dispunha ainda da riqueza floral e florestal que lhe veio depois, mercê da collaboração dos outros continentes. Tão pouco, existia, creado pelos horticultores e viveiristas modernos essa immensa variedade de typos vegetaes de fórmãs e cores tão diversas que constituem hoje a maravilhosa palheta do paisagista actual.

No Brasil e particularmente na sua zona central, que abrange os Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Geraes, a riqueza floristica é sem igual no mundo, como o tenho provado em confe-

rencias por mim dadas em 1917 na Universidade de Bruxellas. Isto, é devido, não somente ás condições excepcionaes de clima, de solo, de altitude, etc., como também a aclimação de innumeras plantas exoticas introduzidas entre nós vindas de todas as partes do globo.

Considero pois um erro, o abuso que se tem feito ultimamente entre nós, substituindo nos logradouros publicos, jardins como os da Praia de Botafogo por exemplo pelos taboleiros sem nenhum relevo que ali actualmente se vê. Não quero dizer que os que lá existiam eram modelos de perfeição, mas não era por falta de genero ou estylo e sim apenas pelo desleixo ou ignorancia das possibilidades que a nossa admiravel flora permitiria realizar com outra orientação.

Existe casos entretanto, em que o jardim classico impunha-se, e eu mesmo, no primeiro jardim fronteiro ao Monumento do Ypiranga (Museu Paulista) adoptei-o, por ser ao meu ver, o unico compati-

AS VACAS LEITEIRAS E A SUA CAPACIDADE ALIMENTAR

A quantidade de ração concentrada, pasto verde e fêno e média de leite são sempre muito necessario saber-se n'uma vaca leiteira, pois que do contrario não teremos bases para se fixar a sua capacidade alimentar nem qual a quantidade da mesma.

O peso vivo, volume e facultade individual de nutrição são factores de grande importancia para o caso assim como typos e raças.

Podemos hoje com todo o rigor dizer que a capacidade alimentar de uma vaca Holandesa é de 16,5 quilos, uma Ayrshire 14 e uma Shorthorn 15 quilos.

A tabela seguinte dá-nos uma aproximação do que vacas com a capacidade media de 15 quilos podem comer por dia:

Leite		Concentrados		Forragem	
13	Litros	5	Quilos	10	Quilos
18	Litros	7	Quilos	8	Quilos
22	Litros	8,5	Quilos	6,5	Quilos
27	Litros	10,5	Quilos	4,5	Quilos
31	Litros	12,250	Quilos	2,750	Quilos
36	Litros	14	Quilos	1	Quilos

A melhor divisão alimentar é a que é feita tres vezes por dia em partes iguais de concentrados, forragem e agua.

Conde de São Mamede.

PEREIRA, ARAUJO & CIA.
IMPORTADORES

Oleos, Ferragens,
Tintas, Materiaes
para Estradas de
Ferro, Metaes,
Drogas para
Industrias

Unicos depositarios:
das conhecidas
especialidades
CORREIAS STANLEY
e dos
GRAMPOS JACARÉ
para emendas de
correias.
Accessorios para
MACHINAS

87, Rua S. Pedro, 87

CAIXA DO CORREIO, 262
TELEPHONES: 4-1330 e 4-5610
End. Telegr. **MONIZ - Rio**

Depositos:
Rua Camerino, 101-107
RIO DE JANEIRO

vel com as exigencias locais, em que não somente devia ser conservada a vista sobre a cidade, como também a vista inteira do edificio. Outra razão militou ainda na minha escolha, foi a preocupação de augmentar, por meio de uma illusão de optica, obtida pela parallelidade das linhas principais do traçado, o recuo do edificio ou seja a apparencia de maior espaço em frente do Museu, que era, deveras, muito diminuto e prejudicava o conjuncto.

Outra razão ainda pode autorizar a escolha das linhas symetricas ou melhor dos desenhos rectilineos, em jardins situados geralmente em contacto immediato com a casa de moradia, jardins, hoje, muito em moda. Constituem estes jardins como que quarto ou aposentos de verdura, prolongando ao ar livre a distribuição interna da casa e offerecendo como esta, em cada uma das repartições, um aspecto especial e caracteristico, como seja: roseiral ou collecções de plantas floraes, de plantas savatiles, aquaticas, compartimentos especialmente reservados a jogos esportivos, ou a folguedos das creanças, uns largamente abertos a luz e ao sol, outros, pelo contrario, abrigados por arvores de sombra ou pergolas cobertas de trepadeiras.

Mas vejamos agora as vantagens proprias ao estylo paisagista, também conhecido sob o nome de pittoresco ou natural.

— permite aproveitar melhor os elementos naturais existentes eventualmente no local, eis assim,

que as ondulações do terreno, serão utilizadas, evitando, o quanto possivel, os grandes deslocamentos da terra que seriam indispensaveis se fosse adoptado o estylo classico. Pela mesma razão, existindo no local arvores de valor ornamental, poderão muito melhor serem aproveitadas, pela facilidade de se poder adaptar o traçado á sua permanencia.

— facilita igualmente este estylo aproveitar mas economicamente os corregos, as bacias alagadas, os tanques naturais ou artificiaes, cujos bordos irregulares adaptar-se-ão perfeitamente ao estylo paisagista.

— as arvores e arbustos não sendo touzados como é obrigatorio no estylo symetrico, conservam o seu porte natural, florescendo e fructificando melhor e produzindo assim todo o seu effeito decorativo. Os agrupamentos das especies as mais diversas podem, como já vimos, serem realizados obtendo-se assim as combinações multiplas que formam conjunctos de grande valor artistico.

— nos terrenos algo montanhosos, torna-se também o estylo natural mais economico e mais comodo para o traçado dos caminhos que não tendo que obedecer como no estylo classico á linhas rigiditas, podem procurar os pontos mais apropriados para galgar, em declives brandos, as diversas desniveleções de terreno.

Por todas essas razões, julgo que o estylo paisagista ou natural deverá ser adoptado na grande maioria dos casos para os parques agri-

colas, sobretudo quando se tratar de terrenos algo accidentados. Não impedindo, entretanto, que, junto á casa de moradia, seja reservada uma area, para terraços ou para os quartos de verdura aos quaes acima me referi.

Não é possivel, no curto espaço de uma palestra como esta exporvos as regras e menos os detalhes technicos do traçado e construcções dos parques e jardins. Todavia, satisfeito ficaria, se, o que tenho aqui dito, accrescido dos exemplos de plantas de parques e jardins que vou projectar na tela e commentar simultaneamente, podessem contribuir para a melhor comprehensão do que seja a arte dos jardins, despertando nos meus ouvintes o desejo de consultar a litteratura tratando do assumpto e aproveitar as oportunidades que lhes foram dadas para propagar e desenvolver pelo menos entre os proprietarios rurales abastados, o gosto das bellas paisagens.

Em uma outra palestra, talvez desenvolverei algumas das regras a que me tenho referido e tratarei mais especialmente dos processos recommendaveis para melhorar o aspecto dos sitios naturais, aformosear as estradas e outros logradouros de pequenas cidades ou villas do interior. Exporei então principios simples que não reclamam tanta sciencia e arte como a exigida ao paisagista profissional, e que desde que não estão em loga a protecção de sitios de belleza excepcional, podem ser realizadas por qualquer pessoa de gosto e de bom senso.

ATELIER DE GRAVURAS SILVA

43, AVENIDA GOMES FREIRE, 34 & BARRETO

TELEPHONE 2-6894

RIO DE JANEIRO GRAVADORES

A CRISE DA LARANJA HESPANHOLA

Em consequencia das medidas restrictivas tomadas pela França e Inglaterra, em relação á entrada de fructas estrangeiras, as laranjas espanholas tem perdido terreno naquelles mercados.

É essa a informação que nos manda, de Barcelona, o Snr. Santos Moglia.

Deante desse facto e alarmados com a perspectiva de uma proxima crise, os citricultores valencianos dirigiram um apello ao Governo, cuja acção não se fez esperar. Visando a defesa daquella importante fonte de riqueza, o Governo procurou evitar que continuem a ser exportadas fructas em condições de notoria inferioridade, que se congestionem os mercados e se enfilelem os preços. Com esse fim baixou decreto dispondo que os fructos destinados á exportação sejam previamente seleccionados ao pé dos laranjaes, rechaçando-se todos os que fôre mconsiderados inferiores, prohibindo que deem entrada nos armazens de confecção e embalagem. Nestes armazens, será a fructa submettida a um novo exame, transportando-se para um lugar diferente as que apenas puderem convir ao consumo interno e preparando-se então as demais de accordo com as normas estabelecidas para este assumpto. A Directoria Geral da Agricultura, obedecendo ás suggestões dos chefes agronomos, organizará turmas de especialistas que realizarão inspecções volantes nos armazens onde a laranja é preparada para a exportação. Além disto, no que respeita as expedições terrestres,

funcionará nas fronteiras um serviço official de inspecção, incumbido de averiguar o cumprimento das disposições em vigor, verificando se os fructos destinados ao estrangeiro satisfazem as condições de qualidade e acondicionamento previstas por lei. E quanto ás expedições maritimas, funcionará em cada um dos portos habituaes de embarque uma commissão inspectora incumbida de controlar a sahida para o estrangeiro dos fructos citricis. Não se limitarão estas commissões a exercer sua vigilancia sobre a qualidade e o acondicionamento das fructas, sinão que tambem determinarão a ordem dos embarques e distribuirão a praça disponivel a bordo dos navios obedecendo exclusivamente á precedencia das inscripções dos pedidos de embarque que formularem os interessados, supprimindo-se assim o abuso das preferencias que offereciam as companhias de transporte, mediante uma oneração suplementar do frete cobrado. As autorizações de embarque concedidas pela Commissão inspectora mencionarão empessamente o nome do vapôr em que foi reservado o frete e é portanto a essa Commissão e não aos exportadores; que as Companhias deverão indicar a praça vaga nos seus vapôres.

Ora, as medidas propostas pelo Governo, longe de contentarem os exportadores, provocaram, ao contrario, a maior celeuma, deslisando o assumpto para o terreno de um verdadeiro conflicto politico. Sustentam os producto-

rers e exportadores que as inspecções rigorosas previstas pelo decreto só poderão perturbar as exportações, pois as despesas dahi decorrentes terão, forçosamente, de ser supportadas pelo proprio producto. Observa-se que a extensão dos laranjaes cobre 62.000 hectares e que cada tecnico-inspector do Governo, com 6.000 pesetas de ordenado annual e uma diaria de 25, poderá, quando muito, inspecionar por dia (ao pé de arvore, nos termos da lei) uns 10 hectares de plantação, pesando singularmente o serviço no preço do custo da fructa colhida. Quanto á selecção da laranja exportavel, allegam os interessados que si fôr permitida apenas a sahida da fructa selecta, não passará a parte vendida ao estrangeiro de uns 15 a 20% do total produzido, ficando o resto condemnado ao consumo interno, que o não poderá absorver, ou, o que seria peor, á destruição ao pé da arvore. Ora, as classes inferiores têm os seus mercados apropriados e é justamente o seu preço menor que lhes permite encontrar compradores inacessiveis ás laranjas de um valôr elevado. Tal é o caso, por exemplo, dos mineiros de Hull e dos tecelões de Manchester, que fôram, até agora, grandes consumidores da laranja espanhola. Em meio a esta discussão, citou-se o exemplo de alguns paizes que primam em expirtar unicamente a laranja selecta, mencionando-se entre elles o Brasil, a Rhodesia e Jaffa. Mas estes, como dizem com acerto os citricultores valencianos, estão na

obrigação de exportar sómente as laranjas caras, visto o custo do frete para a Inglaterra ou outro mercado europeu representar duas e até tres vezes o que paga de transporte a laranja valenciana. Assim, só com laranjas caras, isto é, da melhor qualidade, podem aquelles paizes, inclusive o nosso, resarcir as despesas maiores do frete.

Encontrando-se neste pé o debate da importante questão, resolveu o Governo, enquanto aguarda a oportunidade de pôr em pratica as medidas de inspecção e controle precedentemente descriptas, tomando em consideração o facto de achar-se a safra bastante adeantada, adoptar uma politica de emergencia no sentido de minorar as difficuldades dos centros citricos. Determinou, assim, num mesmo decreto, que uma redução de 50%

seja concedida sobre o transporte ferroviario em vagões completos da laranja destinada ao consumo espanhol, exceptuando-se; por conseguinte, a que fôr expedida ás regiões fronteiriças e portos de mar. Foi aberto um credito especial de 1.900.000 pesetas para o reembolso ás companhias de estradas de ferro que effectuarem o transporte, dos 50% não exigidos do expedidor. Tomando a seu cargo a metade do frete para o interior do paiz, visa o Governo, barateando o producto, intensificar o consumo interno e provocar, num determinado espaço de tempo, visto que a regalia é concedida até 30 de Junho do corrente anno, maior articulação da producção com o consumo e o descongestionamento dos centros citricultores. Eguamente abriu o Governo outro credito de tres milhões de pe-

setas, para que de 25 de Abril a 25 de Novembro deste anno sejam feitos adeantamentos, á razão de 3 pesetas por meia caixa d laranjas de um peso medio de 50 kilos, aos exportadores espanhóes effectuando embarques para a Inglaterra, o que representa mais ou menos a metade dos direitos de entrada alli exigidos. Para recobrar ulteriormente a quantia assim despendida, o Governo creou um imposto de 5% sobre o valor de todas as expedições de laranjas destinadas á Inglaterra. O objecto desta medida é permittir ao exportador espanhól que tome a seu cargo o pagamento da metade dos direitos de entrada da fructa na Inglaterra, pondo-o assim em condição de poder fazer face á concurrencia da laranja de outras procedencias naquelle mercado.

REFINAZIL

FARELLO PROTEINOSO

Uma vacca precisa de uma certa quantidade de alimento para a manutenção do seu corpo. Alimentada com meias rações — a producção de leite soffre.

Alimentada com rações adequadas, correctamente balanceadas, ella produzirá a quantidade maxima de leite.

Peça-nos formulas balanceadas contendo "REFINAZIL" e outros componentes apropriados.



Refinação de Milho, Brazil S/A

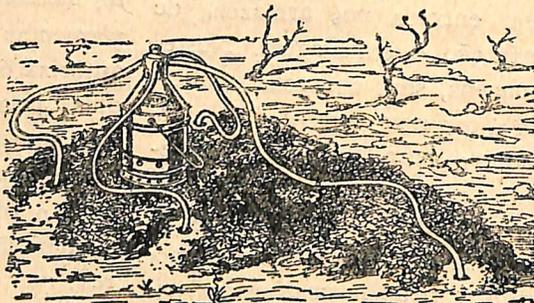
CAIXA 2972 - SÃO PAULO - BRASIL

A morte das saúvas pelo extintor

«POLVO»

Previlégio 5063

Patente 17706



Este aparelho, officialisado pelo Ministerio da Agricultura, gaseifica 1 litro de formicida em 500 litros de guzes sendo o unico no genero cujos resultados são insosfismaveis. Como extintor das saúvas é um aparelho simples, bastante portatil, solido, não offerecendo nenhum perigo.

Vantajosamente economico, funciona com qualquer marca boa de formicida, dispensa carregamento de agua e pesados trabalhos.

Depositario:

Casa Nioac

Rua da Quitanda 28

R I O

Considerações sobre as côres preta e branca da raça hollando-brasileira

Conde de São Mamede

Ligando factos e observações relativas á pelagem dos hollandezes devemos ter sempre em mente que a mesma não tem papel predominante no valor da raça propriamente dita mas sim uma méra contribuição que está ligada á moda e característicos typicos da raça, que afinal hoje guiam, ou indicam, ao grande publico, a maior ou menor aproximação do typo puro.

Assim é que se um animal é de bom sangue a sua pelagem é inalteravel e fixa de geração para geração. Se o contrario se dá é symptoma de pouco sangue, transmissão de característicos fracos, etc., etc. Os pontos essenciaes de preferencia na pelagem dos hollandezes são que o animal seja preto e branco, todo calçado de branco nos quatro membros, a cauda finaliza branca e que a cabeça não seja toda branca. Sem estes principaes pontos na pelagem d'um animal, este não pôde ser considerado typico.

A CABEÇA

O **habito** determinou, e a opinião geral acceitou, que a cabeça deve ser preta com uma estrella branca na testa, pondo esta prolongar-se até ao focinho, ou mesmo áquem deste.

O focinho branco, claro, ou **pin-tado**, é tido como fóra da régra, embora alguns a considerem acceitavel. O facto é que dentro do

absoluto puro tem havido casos desses, pertencendo os mesmos a grandes familias leiteiras. E' pois um caso de méra preferencia aonde se permite uma certa dualidade.

Os chifres são de tonalidade preta. Os brancos são considerados não typicos da raça.

O CORPO

A verdade é que se liga grande importancia as manchas dos hollandezes.

O termo que se applica de "**bem manchado**", quer dizer que as manchas são bem definidas e proeminentes.

As manchas pretas de pelagem exclusivamente preta, como as brancas de pellos brancos. A divisão entre essas duas côres deve finalizar em linhas muito definidas. Aonde acaba o preto só deve começar o branco.

O corpo todo preto tambem é classico na raça hollandeza.

Na Hollanda houve uma época em que os criadores deram preferencia a essa pelagem, allegando conseguir-se com a côr preta uma maior resistencia sob os raios solares. Nada na pratica se concluiu de positivo a tal respeito e hoje esse principio foi posto de lado.

Sobre manchas obrigatorias o que está assente em definitivo é que os quatro membros sejam de pelagem branca nas suas extremidades assim como a cauda.

E' fóra de duvida que os animaes assim marcados dão a impressão de maior aristocracia na sua apparencia e raça.

PERNAS E MÃOS MANCHADOS

Em qualquer parte aonde se criem os hollandezes as patas manchadas de pelagem preta são motivo de desclassificação. Em Inglaterra animaes com esse defeito não são acceites no Herd-Book da Associação dos Criadores da raça.

Um animal com as pernas e mãos todas brancas pôde não ser um verdadeiro hollandez, como um de patas e pernas todas pretas não pôde ser um typo classico da raça. O mesmo se dá com a cauda.

CÔR E A PUREZA DA RAÇA

No obstante "**côr ser só côr**" na opinião dos inglezes, esse assumpto tem sido na raça hollandeza cuidadosamente aperfeiçoado atravez de seculos. Certas manchas caracteristicas denotam pureza de sangue, emquanto que a sua abstenção denota falta de raça.

Tempo houve em que os criticos declaravam que a necessidade dos quatro membros brancos era uma **aventura**, uma caracteristica de pura fantasia e nada mais, porém uma boa reflexão nos mostrou que essa idéa era erronea.

As manchas pretas debaixo da pelagem branca não obstante não ser isso popular, não constitue defeito sufficiente para desclassificação nem tão pouco motivo de falta de raça.

A LAVOURA, é a melhor e a mais competente revista de assumptos agricolas. -
Leiam A Lavoura

Estimativa do custo da produccão do milho no Rio Grande do Sul

(Continuação)

Suponhamos, pois, que no 3º ano só reste a capoeira de 2º ano, já encoivarada e paga pelos trabalhos anteriores, sendo este o caso geral.

Pelo Eng. Agronomo
Luiz G. Gomes de Freitas
Inspector Agrícola Federal

c) — Capoeira de 2º ano — por hectare.

Quota de occupação da terra	10\$000
Rocada e queimada:	
9,5 dias de trabalho de homens e mulheres a 3\$500	33\$250
9,5 dias de trabalho de 1 foice e de 1 machado	\$570
Capina e limpeza da terra:	
27 dias de trabalho de homens e mulheres a 3\$500	94\$500
27 dias de trabalho da enxada	\$810
Semeadura:	
12,5 quilos de milho a \$200	2\$500
1 dia de trabalho de 1 homem	4\$000
1 dia de trabalho da semeadeira de mão	\$050
Capina e aterro:	
27 dias de trabalho de homens e mulheres a 3\$500	94\$500
27 dias de trabalho da enxada a \$030	\$810
Despesas de colheita como na conta a	72\$966
Soma	313\$956

Dando o rendimento de 150 por hectare responde a 2.500 ks. por hectare. 1, que é comum, teriamos um alto Neste caso custaria 1 quilo de mi- preço de custo ;mas, vamos supor lho \$125 portanto 60 ks. custariam que ainda renda 200 por 1 que cor- 7\$500.

e — Preparo da terra de capoeira a boi — Por hectare:

Quota de occupação da terra	10\$000
Rocada e queimada: 32\$820	
9,5 dias de trabalho de homens e mulheres	32\$250
9,5 dias de trabalho da foice e do machado	\$570
1.ª Lavração a arado tatú: 40\$428	
4 dias de trabalho de 1 homem a 4\$000	16\$000
4 dias de trabalho de 1 guia a 3\$000	12\$000
4 dias de trabalho de 1 junta de bois á 2\$620	10\$480
4 dias de trabalho do arado a \$287	1\$948
2.ª Lavração a arado tatú: 29\$721	
3 dias de trabalho de 1 homem a 4\$000	12\$000
3 dias de trabalho de 1 guia a 3\$000	9\$000
3 dias de trabalho de 1 junta de bois	7\$860
3 dias de trabalho de 1 arado	\$861
Gradeação com grade de madeira, dentes de ferro: 12\$429	
1,5 dias de trabalho de 1 homem a 3\$500	5\$250
1,5 dias de trabalho de 1 junta de bois a 2\$620	3\$930
1,5 dia de trabalho de 1 grade a 2\$166	3\$249
Semeadura e custo da semente como em c	6\$550
Capina a enxada e aterro — 15 dias a 3\$500	52\$500
Colheita como nas contas a, b e c menos 20% pela redução equivalente da mão de obra	58\$373
.....	242\$821

Admitamos que numa terra bôa o rendimento ainda seja de 2.000 ks. por hectare, que corresponde a 160 por 1, dando \$121 por k. portanto, 60 ks. = 7\$260.

Nas terras com muitos tocos e pedras os arados e as grades estrangeiros não resistem. Este sistema é mais correntemente usado nas colonias velhas da metade norte do Estado. Usa-se tambem inutilmente um guia para chamar os bois na frente, que enca- recee.

Nas terras hortadas usa-se o arado Rud-Sack a bois, podendo

Se
desejaes
andar bem
informados

acerca das rele-
vantes questões
que affectam o
desenvolvimento
economico do
Brasil, lêde

A Lavoura

e propague entre
os vossos amigos
e collegas a
leitura desta util
publicação.

fazer em 3 dias a primeira lavração e em 2 dias a segunda.

Si não empregar o guia as lavrações custarão, respetivamente: 21\$786 e 14\$524. Economisar-se-á por hectare 33\$839, podendo baixar o custo de produção de um k.

Quota de ocupação da terra	10\$000
Limpeza a foice: 8\$060	
2 dias de trabalho de 1 homem a 4\$000	8\$000
2 dias de trabalho de foice a \$030	\$060
1.ª Lavração a arado Rud-Sack reversível: 22\$064	
2 dias de trabalho de 1 homem a 3\$500	7\$000
2 dias de trabalho de 3 cavalos a 1\$930	11\$580
2 dias de trabalho de 3 arreimentos a \$200	1\$200
2 dias de trabalho de 1 arado Rud-Sack revers. 1\$142	2\$284
2.ª Lavração a arado Rud-Sack reversível W5: 11\$032	
1 dia de trabalho de 1 homem, 3 cavalos, arreios e arado	11\$032
Gradeação: 6\$915	
½ dia de trabalho de 1 homem a 3\$500	1\$750
½ dia de trabalho de 1 grade ferro, 35 dentes, 1 ^m .80 a 3\$940	1\$970
½ dia de trabalho de 3 cavalos c/arreios a 2\$130 cada	3\$195
Transporte	58\$076
Semeadura como nas contas anteriores	6\$550
Capina e aterro como na conta e	52\$500
Colheita como em e	58\$373
Soma	175\$499

Si ainda admitirmos o rendimento de 2.000 ks. por hectare que só se verificará nos anos bons e nas terras muito boas, o custo da produção de um k. de milho será de \$088, portanto, 60 ks. custarão 5\$280.

Nas colonias da Serra dos Tapes usa-se ha mais de 20 anos capinadeiras Planet Jor., onde é possível e neste caso, como lá mesmo já tivemos ocasião de praticar e mesmo com dificuldade em terras de declive, a parcela de capina baixa, embora se faça retoques a enxada. Póde-se capinar um hectare num dia com um Planet Jor. n.º 9 e um cavalo amestrado, quando a plantação é feita a maquina, portanto seria a despesa: 3\$500+2\$130+1\$298 de um dia da capinadeira, dando a soma de 6\$928, devendo-se acrescentar 10% do trabalho manual para destruir as pragas de perto das plantas, completando o trabalho mecânico, que seria mais 5\$250, estimando-se a primeira

de milho a \$104, sendo o sacco 6\$240, que representa 1\$020 menos do que com arado tatú.

f — Preparo da terra mansa da colonia a cavalos — Por hectare:

capina a Planet Jor., assim em 12\$278, devendo-se fazer uma segunda capina com 20% de mão de obra para aterro mais completo, custando 17\$428. Esse total seria de 29\$706 em vez de 52\$500 ou mais. Essa diferença de 22\$794 poderia baixar o custo de produção do milho a \$076 o k. ou 4\$560 o sacco.

Tambem pelo processo rotineiro a semeadeira de mão, nas terras fertes, poder-se-ia passar a capinadeira de cada vez nos dois sentidos e portanto 4 vezes a 6\$928 daria 27\$712, que representa praticamente a mesma redução de despesas que no caso anterior.

d — Capoeiras de terras cansadas — Ha em certas colonias, principalmente nas da Serra do Noroeste: Caxias, Garibaldi, Bento Gonçalves, etc. que por serem tão acidentadas e pedregosas não ha possibilidade de trabalhar-se com arado, nem mesmo o tatú sendo penosissimo o trabalho a

enxada. Pelos seus fortes declives são terras muito lavadas e portanto, empobrecidas. Além disso, as terras são, geralmente, acidas. O unico recurso é deixar-se em capoeira de vassouras, capim de penacho, sambabaia, etc. por 5 anos e depois roçar, queimar e plantar de saraquá nos reduzidos espaços de terra entre as pedras. A conta cultural poderá ser assim estimada: Por hectares:

Arrendamento da terra, 5 anos	50\$000
Rocaça: 40\$300	40\$000
10 dias de trabalho de 1 homem a 4\$000	\$300
10 dias de trabalho de 1 foice a \$030	12\$000
Aceiro e queimada: 12\$180	\$180
3 dias de trabalho de 1 homem a 4\$000	7\$750
3 dias de trabalho de 1 enxada e 1 foice	72\$966
Semeadura e custo da semente, 1,5 dia	181\$196
Colheita como no caso a, com rendimento menor porém com maiores dificuldades	

Nessas condições poder-se-á colher 1 para 80 ou seja mil kilos por hectare, que corresponde a \$182 cada k. ou seja 10\$920 cada 60 ks. ensacados no paiól sem o valor do sacco.

Em muitas dessas capoeiras a colheita é difficilima, sendo ás vezes feita a cargueiro, havendo casos excepcionais de ter de subir de profundos vales a cabos de arame.

2.º — Culturas nas zonas de criação — Para não prolongarmos muito este trabalho vamos estudar em conjunto os tres ca-

soz aqui lembrados que são os das zonas da Fronteira Sul ou Campanha, da Depressão Central e da Fronteira Oéste. Estudaremos: g,

cultura a boi e h, cultura a cavalo em lavouras medias.

g — Cultura do milho a campo a boi — Por hectare:

RESUMO E COMENTARIO EM TORNO DO CAPITULO VIII

Estimativa do custo de produção do milho no Estado.

Custo de 1 k. e de 1 sacco de 60 ks. de milho no piol do agricultor:

Estimativas de contos culturais	Fronteira Sul	Depressão Central	Fronteira Oéste
Quota de ocupação da terra	11\$500	11\$500	11\$500
1.ª lavração, 1 dia c/charrua de 2 relhas	20\$343	20\$043	19\$635
Discagem, 3,3 hs. por dia, grade de 16 discos	7\$290	7\$199	7\$075
2.ª lavração, 1,5 hs. por dia, 2 relhas .	13\$562	13\$362	13\$090
Gradagem, 3,75 hs. por dia jogo 3 grades	6\$260	6\$180	6\$072
Semeadura, 4,5 Hs. por dia, 2 linhas	4\$578	4\$556	4\$525
Semente, 20 por Ha. a \$200	4\$000	4\$000	4\$000
Capina, 4,8 Hs. por dia, Cult. discos ..	2\$500	2\$480	2\$450
Colheita com 50% menos que em a ..	36\$483	36\$483	36\$483
Somas	106\$516	105\$803	104\$830
Administração	10\$651	10\$580	10\$483
	171\$167	116\$383	115\$313
Produzindo a media de 1.250 ks. por hectare custarão respetivamente 1 k.	\$093	\$093	\$092

Donde verifica-se que praticamente nas tres zonas poderá custar cada sacco de milho 5\$580.

A tração foi calculada com 6 bois, excéto na semeadura e na capina que foi com dois bois. O custo do trabalho diario das maquinas está no quadro anexo a

este trabalho. Os salarios são os mesmos das contas anteriores. Sendo cultura maior do que a colonial, foi preciso acrescentar a quota de administração.

h) — Cultura a cavalo, terra de campo — Por hectare:

Estimativas de contos culturais (Maquinas iguaes ás da conta g)	Fronteira Sul	Depressão Central	Fronteira Oéste
Quota de ocupação da terra	11\$500	11\$500	11\$500
1.ª lavração 2 Hs. por dia, 8 cavalos ..	12\$270	11\$947	10\$547
Discagem, 4 Hs. por dia, 6 cavalos	7\$064	6\$966	6\$441
2.ª lavração, 3 Hs. por dia, 8 cavalos ..	8\$138	7\$965	7\$031
Gradagem, 4 Hs. por dia, 6 cavalos	6\$916	6\$822	6\$297
Semeadura, 6 Hs. por dia, 3 cavalos 2 linhas	3\$898	3\$898	3\$857
Semente, 20 quilos	4\$000	4\$000	4\$000
Capina, 6,4 por dia, 3 cavalos	2\$310	2\$296	2\$138
Colheita, como na conta g	36\$483	36\$483	36\$483
Sommas	92\$582	91\$875	88\$294
Administração, 10%	9\$258	9\$187	8\$829
	101\$840	101\$062	97\$123
Tomando-se ainda para base o rendimento de 1.250 ks. por hectare, teremos respetivamente	\$081	\$080	\$077
Correspondendo o preço do sacco a	4\$860	4\$800	4\$620

LAVOURA MANUAL

a — Roça nova de Mato	\$109	6\$540
b — Capoeira de 1.º ano	\$128	7\$680
c — Capoeira de 2.º ano	\$125	7\$500
d — Capoeiras cansadas.	\$128	10\$920

1.º COLONIAS

e — Preparo da terra capoeira a boi (tatú)	\$121	7\$260
e' — Preparo terra capoeira a boi (Rud-Sack)	\$104	6\$240
f — Preparo da terra mansa a cavalo	\$088	5\$580
f' — Preparo da terra mansa a cavalo	\$076	4\$560
Planet Jor.		

LAVOURA A TRACÇÃO ANIMAL

2.º CAMPO

g — Boi		
Fronteira Sul	\$093	5\$580
Depressão Central	\$093	5\$520
Fronteira Oéste ..	\$092	5\$520
h — Cavalo		
Fronteira Sul	\$081	4\$860
Depressão Central	\$080	4\$800
Fronteira Oéste ..	\$077	4\$620

II QUADRO COMPARATIVO DAS CONTAS CULTURAIS DO MILHO (POR HECTARE)

SISTEMAS DIVERSOS DE CULTURA DO MILHO	ADMINIS-TRAÇÃO	QUOTA DE OCUPAÇÃO DA TERRA		PREPARO DA TERRA		SEMEN-TEIRA		CAPINAS		COLHEITA E BENEFICIAMENTO		TOTAIS		
		\$	%	\$	%	\$	%	\$	%	\$	%			
COLONIAS														
a - Roça nova de mato.....	—	—	—	191\$777	70,4	7\$470	2,7	—	—	72\$966	26,8	272\$113		
b - Capoeira de 1.º ano.....	—	—	—	242\$410	75,2	6\$550	2,0	—	—	72\$966	22,6	321\$926		
c - Capoeira de 2.º ano.....	—	10\$000	3,1	139\$130	44,3	6\$550	2,0	95\$310	30,3	72\$966	23,2	313\$956		
d - Capoeira de terra cansada.....	—	50\$000	27,5	102\$408	56,5	7\$750	4,2	—	—	72\$966	40,2	181\$196		
e - Capoeira, preparo a boi, arado tatú..	—	10\$000	4,1	115\$398	47,5	6\$550	2,6	52\$500	21,6	58\$373	24,0	242\$821		
e - Idem, idem, arado Rud-Sack, aem guia	—	10\$000	4,7	81\$559	39,0	6\$550	3,1	52\$500	25,1	58\$373	27,9	208\$082		
f - Capoeira antiga, preparo a cavalo....	—	10\$000	5,6	48\$071	27,3	6\$550	3,7	52\$500	29,0	58\$373	33,2	175\$499		
f - Idem, idem, capina mecanica	—	10\$000	6,5	38\$071	31,4	6\$550	4,2	29\$706	19,4	58\$373	33,3	152\$705		
CAMPO														
g - Trabalho a boi	{	Fronteira Sul.....	9,0	11\$500	9,8	47\$455	40,5	8\$578	7,3	2\$500	2,1	36\$483	31,1	117\$167
		Depressão Central.	8,8	11\$500	9,9	46\$784	40,2	8\$556	7,3	2\$4 0	1,1	36\$483	31,7	111\$135
		Fronteira Sul.....	8,8	11\$500	9,9	45\$672	39,6	8\$525	7,4	2\$450	2,0	36\$483	31,7	115\$068
h - Trabalho a cavalo	{	Fronteira Sul.....	9,0	11\$500	11,2	34\$391	38,7	7\$898	7,7	2\$310	2,2	36\$483	35,8	101\$840
		Depres ão Central	9,0	11\$500	11,3	33\$697	33,3	7\$898	7,8	2\$296	2,2	36\$483	36,0	101\$062
		Fronteira Sul.....	9,0	11\$500	11,8	30\$316	31, 7	7\$898	8,1	2\$138	2,2	36\$483	37,5	94\$123

O quadro demonstrativo das contas culturais do milho mostram-nos que nos sistemas de cultura de roças e capoeiras avulta muito a parcela de mão de obra para o preparo da terra, chegando mesmo a 75,2% no caso de capoeira de 1.º ano, por causa da coivara.

Neste e no caso de roça nova não foi computada a ocupação da terra, porque a madeira quasi sempre é o objéto da roça e esta paga a ocupação da terra pelo milho. A cultura mecanica, mesmo com maquinas baratas de pequena cultura, baixa muito as despesas de preparo da terra, até 27,3% e da capina que de 30,3% pôde baixar a 2% e nesta ultima operação seria tanto mais accentuada a economia quanto maior fosse o numero de capinas, que para simplificar apenas incluímos uma. Já o competente técnico alemão Dr. F. W. Dafert, que dirigiu em São Paulo o Instituto de Campinas, estudando o custo da produção do milho naquele Estado refere-se em seus relatorios de 1892 e 1893 ás vantagens dos trabalhos a maquina e dentre algumas conclusões a que chegou, comparando os nossos trabalhos rotineiros quasi sempre feitos por

escravos, com os que então já se praticava na Prussia, citamos as seguintes: "Que o arado faz ali um serviço dez vezes mais rapido do que a enxada e além disso muito melhor;" "que o custo da produção, entre nós, é enormemente alto" e termina dizendo: "E' claro que nessas circunstancias os preços dos nossos mantimentos não podem baixar. Para isso ha só um meio: melhores metodos de cultura". (os grifos são dele).

A cultura do milho, predominante nas nossas colonias, ainda permanece como no tempo em que Dafert escreveu estas sentenças, que são, por isso ainda applicaveis ao caso, pois que o sistema dos escravos ainda está sendo conservado pelos agricultores dessas zonas acidentadas das nossas colonias. Muitas dessas terras, porém, poderiam ser cultivadas a arado, como acontece nas colonias de Pelota, S. Lourenço, Cangussú, na Serra dos Tapes, porém muitos dos nossos colonos esqueceram por completo, mesmo os de origem alemã, os processos que já existiam nas terras de seus avós.

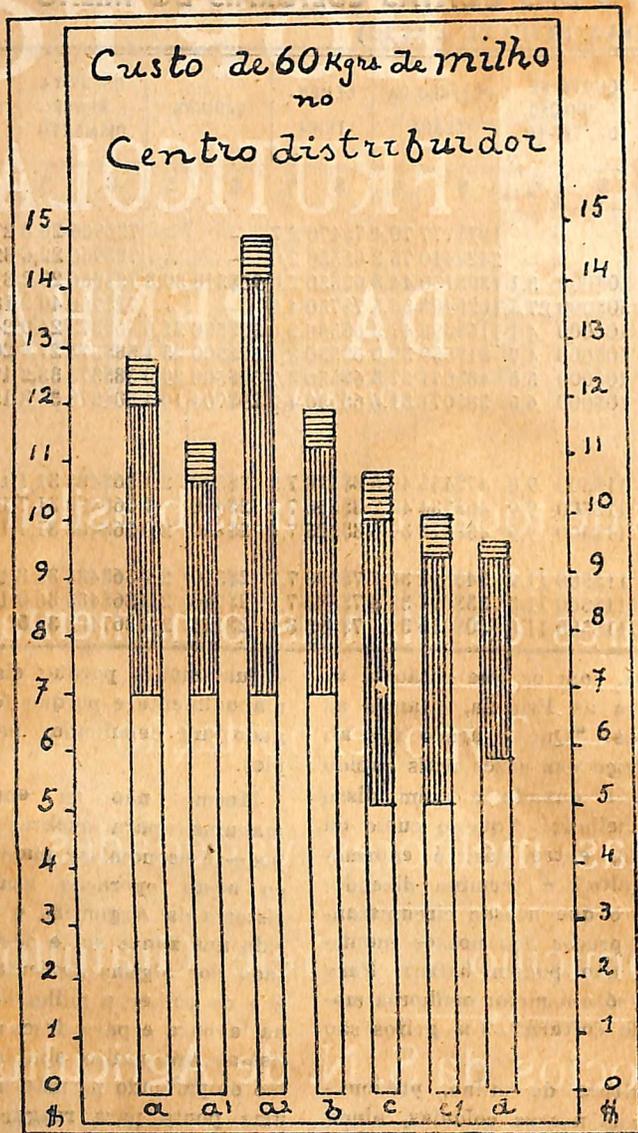
Nota-se, em todas as contas que as parcelas da colheita são altas

e justamente porque ela é feita manualmente e porque foi empregado um debulhador muito simples.

Mesmo não se empregando maquinas para quebrar o milho. pode-se economisar mais um pouco nesta operação usando-se o sistema da Argentina e já conhecido nas zonas sul e oeste do Estado por alguns agricultores, que é o de colher o milho descascado na lavoura e para descascá-lo utiliza-se um muito simples aparelho empalmado na mão munido de uma ponta para rasgar a palha no terço superior da espiga. Para lavouras maiores, onde se disponha de malacate ou motor barato a debulha em debulhadores de 2 bocas talvez possa baratear esta operação, pois o proprio sabugo é combustivel.

Observa-se no quadro II que a sementeira a mão apresenta percentagem mais baixa de despesas do que a mecanica, sendo preciso esclarecer que esta semeia maior quantidade de milho por hectare. ainda distribuindo-o mais regularmente em distancia e profundidade, facilitando a capina mecanica.

Estudando ainda estas contas, logo poder-se-á ver que as esti-



Custo do milho no paiol
 Custo do transporte
 Comissões, etc.

mativas são para custo mínimo de produção porque os rendimentos admitidos embora nos pareçam medios para anos bons, não se referem aos anos de seca, que são frequentes e cujas épocas são variáveis para cada zona e em cada zona. Assim, anos haverá, como de fato tem acontecido, em que estes preços de custo serão muito mais elevados.

Observa-se também sem dificuldade que o mato e os aciden-

tes do terreno encarecem a produção porque exigem muito mais trabalho do homem, embora sejam os rendimentos maiores e até o dobro dos das terras de campo.

Verifica-se mais que a produção a cavalos é um pouco mais baixa do que a boi, embora praticamente não seja muito apreciável essa diferença.

Convém registrar que em nossa viagem o ano passado pela Republica Argentina ouvimos di-

zer por mais de um agronomo que o custo da produção do milho naquele paiz andava aproximado de 3 pesos, moeda nacional, o quintal e cotando o peso moeda a 4\$000 resultaria em \$120 o quilo ou 7\$200 cada sacco, posto no armazem da estação mais proxima de uma das estradas de ferro. O transporte em carroça da lavoura á estação da estrada de ferro na distancia de 20 kms. anda por 8 centavos por quintal, equivalente a 320 ou seja \$192 por sacco.

A "Economic Review" de 1931, que se publica em Buenos Aires, traz uma analise do custo de produção do milho até ao navio de exportação, assim expressa:

QUADRO III

CUSTO DE PRODUÇÃO DO MILHO	Pesos moeda nacional		%
	Por hectare	Por 100 kgs.	
I — Renda paga pela terra	29,25	1,31	31,0
II — Juros de capital	4,00	0,18	4,3
III — Amortisações de material	3,35	0,15	3,6
IV — Despesas de produção	44,85	2,01	47,6
V — Despesas de transportes	12,70	0,57	13,5
Totais	94,15	4,22	100,0

O rendimento medio por hectare é de 2.230 ks. dependendo do custo desse rendimento, que sendo menor na Pampa, atinge o custo a 4,63 pesos e sendo maior na zona de Santa Fé, baixa a 3,4



HORTO FRUTICOLA DA PENHA

OLARIA — RIO — E. F. L.

Mudas e Enxertos de todas as frutas brasileiras

Optimos Exemplares de plantas ornamentaes

Laranjeiras — Typo exportação

Mangueiras das melhores variedades

Remessas a domicilio — Frete Gratuito

Abatimento aos socios da S. N. de Agricultura

Solicite informações á:

RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 15 - SOBRADO -- -- -- RIO DE JANEIRO



FABRICAÇÃO do MOINHO DA LUZ

- Torta completa N. 1 para vacas, cabras e coelhos.
Torta completa N. 2 para suínos.
Torta completa N. 3 para pintos.
Torta completa N. 4 para frangos.
Torta completa N. 5 para galinhas.
Torta completa N. 6 para cavalos e mueres

— — — —

Bons animais
Maior rendimento

— — — —

Pedidos ao

Moinho da Luz

RUA DO ROSARIO, 160

Rio de Janeiro